

Campus

Jornal-laboratório do Departamento de Comunicação da UnB
1ª Quinzena de novembro de 87 — nº 109

GREVE DE NOVO?

Clima de expectativa na UnB. Os funcionários podem paralisar suas atividades a partir do dia 15 de novembro, caso suas reivindicações salariais não sejam atendidas. O indicativo de greve já foi decidido e a categoria já se mobiliza. Toda essa movimentação está fazendo com que estudantes, professores e os próprios servidores retomem uma velha questão: será que greve, na UnB, é a única saída? (página 4 e Editorial)



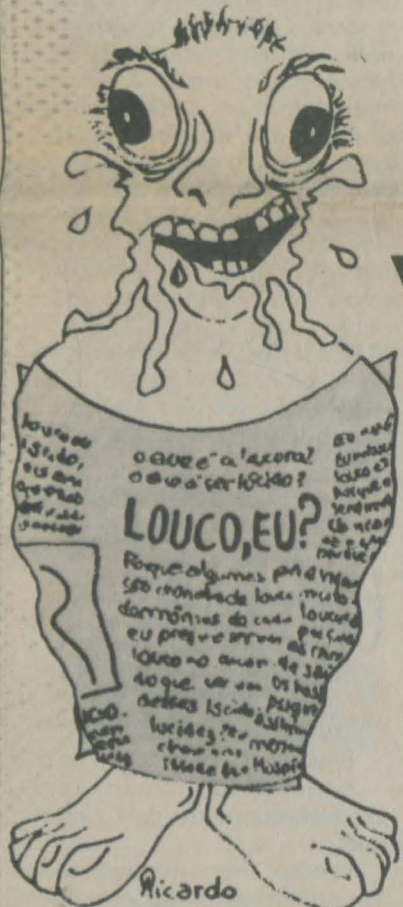
GOLPE

Direita se assanha com vácuo de poder

A escassez de legitimidade exala do presidente José Sarney, que já não se contenta em ser o presidente da transição. Uma transição que vem sendo prolongada ao extremo do risco, se esgarçando, adiando o inevitável parto da democracia ansiada por toda a Nação. A transição ficou contaminada pelas concessões junto aos setores mais conservadores, num jogo de conveniências que abriu um vácuo de autoridade. Como em outros momentos da história brasileira, a direita

militar, paternalisticamente, se assanhou e cava seu espaço no processo. O surgimento de associações formadas por militares da ativa, o discurso desestabilizador e mau intencionado de um ex-presidente que queria ser esquecido e outras ameaças veladas sugerem um quadro de dramaticidade inegável. Tudo fica mais delicado num momento em que a Constituinte se reúne. Mas há mesmo risco de golpe?

(Editorial e página 3)



A loucura, afinal, onde está? Nas ruas, nos hospícios, na Constituinte, em sua casa? Um pedaço dela está no Suplemento.

Política cultural ou cultura da política?

A nomeação do maestro Marlos Nobre para a direção da Fundação Cultural do Distrito Federal reacendeu uma antiga polêmica: qual a participação da cultura de um povo? A indicação de uma pessoa que nunca viveu na cidade, a mistura da política com a cultura, a superposição de funções entre a Fundação Cultural e a Secretaria de Cultura tornaram-se temas candentes nos cinemas, bares e teatros de Brasília. Várias entidades organizaram uma oposição para combater a atual política cultural do governador José Aparecido que, na opinião deles, estaria mais voltada para os seus interesses políticos-partidários do que para o apoio à cultura popular. Leia na página 6.

II UnB'S

Os principais personagens são revelados

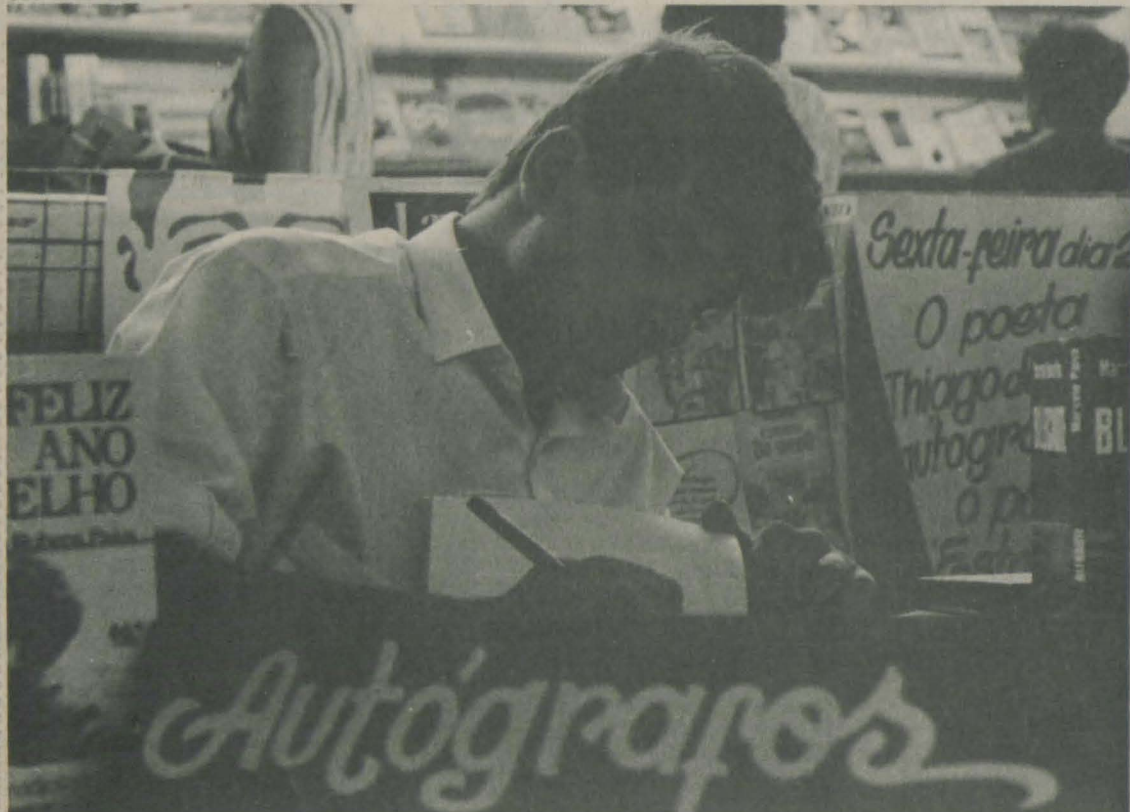
E os Jogos Internos vão chegando ao seu ponto máximo. Neste clima de competição saudável e necessária para a universidade, vão surgindo os primeiros heróis e personagens que devem passar para a história das disputas. Nesta edição, a bola vai rolar com o ex-gordo que se tornou atleta e levou o ouro nos 1500 e bronze nos 800 metros rasos, com o "duelo" de dois mestres do karatê da UnB que fizeram a final da modalidade e com as

"novidades" que participam pela primeira vez na Associação dos Ex-atletas, campeão do pólo aquático e o futebol de campo da ASFUB que também está empolgando a sua respectiva torcida. Além disso, descubra que a musculação ainda é moda nas academias de Brasília. Pra você não esquecer que esporte é diversão, é lazer, é alegria, mas acima de tudo é um grande fator de união na UnB, confira na página 7.

MARCELO RUBENS PAIVA

"Jovem, hoje, luta é prá viver"

CESAR MENDES



Dividido entre a tarefa da criação literária a partir do imaginário e a análise da realidade do País, Marcelo Rubens Paiva tem opinião formada diante de frases feitas como "jovem lê pouco" ou "jovem de hoje não lê". Segundo Marcelo, até criancinha, hoje no Brasil, está batalhando para sobreviver e toda esta falta de perspectiva foi criada pelas elites dominantes. Esta e outras opiniões sobre o país, os jovens, a literatura estão na entrevista de Marcelo. Página 8

ULTRAJE a rigor

Rolling Stones brasileiros? O Ultraje a Rigor agradece a lembrança mas afirma que o único traço em comum com o grupo inglês é o da permanência. Eles fazem questão de ficar onde estão e garantem que o que é bom é isto mesmo, fazer o que sempre fizeram, aperfeiçoando porém o lado técnico, vocal, do grupo. Sem Ultraje e nada a rigor, eles conversam sobre o grupo, suas idéias, os próximos trabalhos, num bate-papo solto com o Campus. página 8

Jornal-laboratório do Departamento de Comunicação
1ª quinzena de novembro de 1987

Editorial

Mais uma Greve?

Um personagem muito conhecido de toda a comunidade universitária está novamente circulando pelos corredores da UnB. Fugitivo de alguma jaula mal-fechada, o velho fantasma da greve volta à ativa. Dessa vez, a ameaça de paralisação parte dos funcionários. Reunidos no dia 30 de outubro, eles agora estão em estado de alerta. A Assembléia decidiu pelo indicativo de greve a partir do dia 15 de novembro. Tudo isso, por melhores salários (a esse respeito, veja matéria na página 4).

Recurso muito utilizado desde os tempos do inesquecível reitor Azevedo, a greve acabou se transformando numa triste "marca registrada" da UnB. "Semestre sem greve aqui é raro". A afirmativa é comum a todos os setores da universidade. Professores, estudantes e funcionários já se utilizaram — bem ou mal — dessa "última cartada".

A grande questão nisso tudo é como se direcionam e como são vistas as paralisações na universi-

dade. É certo que a greve é uma conquista — e um direito — das classes trabalhadoras. Por outro lado, na UnB o recurso acabou se transformando numa faca de dois gumes; aqui, greve já não é mais um recurso final para se chegar a um acordo, é o início das negociações.

Os estudantes, cansados de períodos sucessivos de problemas que as paralisações trouxeram, já não acreditam em mobilizações que resultem no prejuízo do semestre. Para eles, os resultados concretos jamais compensaram as perdas e a greve acabou virando motivo de piadas.

Por outro lado, para professores e funcionários, o recurso algumas vezes se mostra como a única saída. Talvez até seja. O problema é que aqui, as decisões são tomadas muito rapidamente e sem o cuidado que deveriam ter. Decidir qualquer questão através de paralisações de atividades acabou virando hábito.

A greve dos funcionários, se vier, vai ser muito mais que uma reivindicação salarial; vai acabar

interferindo de maneira decisiva na viabilidade desse último semestre de 87. A paralisação, portanto, corre o risco de se tornar antiestratégica. A comunidade acadêmica ainda não esqueceu os resultados muito pouco significativos da mobilização do primeiro semestre, que pretendia "ressuscitar o ensino superior". O objetivo não foi alcançado. A universidade continua moribunda; no máximo recebeu um pouco de ar. Parados, os funcionários vão conseguir, acima de tudo, a antipatia dos estudantes que, por motivos óbvios, não estão dispostos a sacrificar, mais uma vez, o semestre.

Na realidade, o velho fantasma da greve já não assusta. Ele consegue, isso sim, ser um bom argumento para os que defendem a privatização do ensino superior brasileiro. Greve universitária é um recurso que se esgotou por si mesmo e, pelo visto, vai ser preciso muita criatividade para se encontrar outro canal de reivindicações.

Cultura para quem precisa

As cenas se sucedem como que numa comédia maluca. Na semana do Festival de Brasília, o Cine Brasília fecha suas portas para uma reforma necessária desde 86. Num escritório qualquer da cidade, o dono do Cine Karim confere o valor do aluguel pago pela FCDF para realizar lá o Festival. Cada vez mais bem equipada, a polícia marca presença nas ruas e comete excessos, invadindo bares e revistando pessoas sem motivo aparente. Lá do alto, no helicóptero recém-adquirido pela SSP, José Aparecido sonha com Brasília patrimônio cultural da humanidade.

A sociedade em que vivemos caracteriza-se pela violência, decorrente de fatores que ela própria criou. Por isto, é justo que o Estado responda pela segurança dos cidadãos, e para tal aparelho bem e eduque a sua polícia. O Estado, no País e principalmente na capital, também patrocina a cultura, um apoio que ninguém quer mas de que todos precisam.

Só que o cidadão, ao pagar seus impostos, não quer produzir nenhuma comédia. Ele espera a execução de uma política que reverta em seu benefício. E, apesar de não o exigir freqüentemente, tem o direito de saber como,

quando e por quê vai ser gasto o seu (nosso) dinheiro.

Constatado um esvaziamento da política cultural e um incremento à segurança, o GDF deve ao menos uma explicação. Por que se compram helicópteros e não se reformam cinemas? Corremos o risco de virar um Rio de Janeiro às avessas, lá, os bandidos possuem melhor armamento que a polícia, mas rola também um projeto chamado "Cinema na Praia", exhibições ao ar livre de curtas e longas nacionais. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra, reza o ditado.

O caminho que o GDF vem seguindo talvez se explique com a obsessão de Aparecido em tornar a cidade patrimônio cultural da humanidade. Um assessor da FCDF atribui isso a recente nomeação de Marlos Nobre para a presidência da Fundação. Nada contra o nobre maestro, apenas um desejo de ver ali uma pessoa de maior identificação com a realidade específica daqui. Uma das coisas que pesou na nomeação foi o trânsito internacional de Marlos, que deve voltar do seu circuito europeu de regência trazendo muita gente. Gente que o governador provavelmente julga que vai gostar de ver muita

polícia por aí, sentindo-se segura para voltar sempre.

Este é um filme mudo, infelizmente. Não se ouve vozes questionando o processo. Sinal de contentamento? Ou será que a falta de objetivos, a burocracia emperrante, o pouco caso das autoridades para com a cultura está nos empurrando para a descrença e o desânimo, criando condições para que a mediocridade prevaleça?

O roteiro não deixa claro os motivos que levam os personagens a agirem desta maneira trágica e estabana. A única certeza que fica é que uns estão levando de mais e outros de menos na hora de dividir o bolo. Confira indo ver o filme. Não no Cine Brasília, que o prazo para o término da reforma inexiste. E não se espante caso de repente as luzes se acenderem e um guarda lhe pedir os documentos. Quem sabe, se com a polícia nas salas o cinema resolva ir para as ruas...

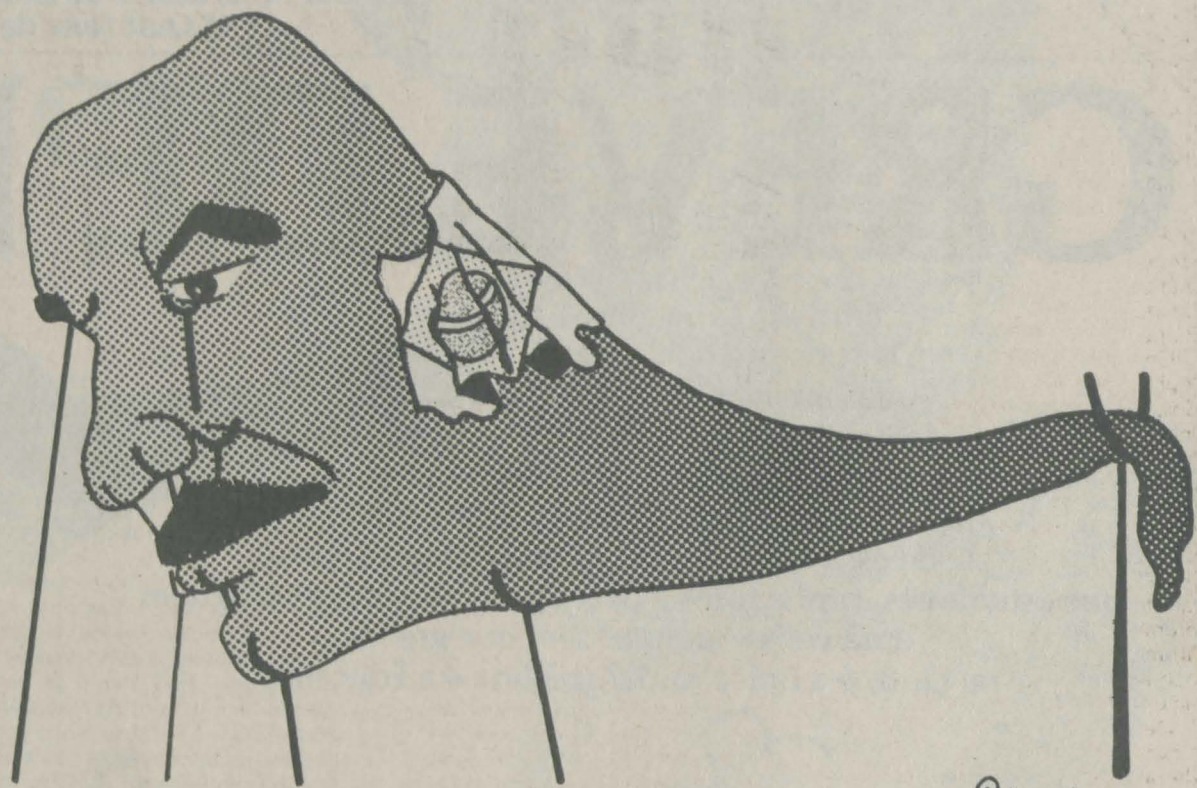
LUÍZ PIU —
Repórter do Campus

SER OU NÃO SER

No Núcleo de Teatro da UnB você pode resolver facilmente esta questão. No Departamento de Desenho, as cortinas se abrem para a realização de montagens, oficinas, leituras dramáticas e uma série de outras atividades que dão a você a oportunidade de um contato maior com a arte de representar.

Suba nesse palco. E só dar asas à imaginação e liberar o talento. Depois disso você vai poder ser o que quiser. Informe-se no Serviço de Apoio Artístico Cultural — SEC. Telefone: 2740022 — Ramal: 2324.

Núcleo
de
Teatro



Ricardo

BASEADO NA OBRA DE S. DALÍ

Espantinho de quepe

A história política brasileira revela uma doença crônica que tem assolado o país desde que foram erigidas as bases de uma sociedade organizada. Somos fiéis discípulos da escola latino-americana onde se leciona uma prática da instabilidade institucional. Folhear nosso passado é ler uma Constituição de cabeça para baixo. As intervenções militares no processo político tornaram-se tão íntimas que acabou-se implantando uma fobia intranquilizadora. Das baionetas ao Urutu, a sombra de um golpe militar está sempre rondando o nosso presente, por mais que saibamos isso improvável ou neguemos convictos fatos que saltam aos nossos olhos.

O militar no Brasil, especial-

mente depois do desastre de 64, encontrou um lamentável papel para interpretar. É aquele pai que afaga com uma mão enquanto ameaça com a outra. É o símbolo de uma pseudomoralidade de atitudes imorais. Uma prática danosa a nosso senso ético. A inviabilização de um País contrariando a vontade do povo e o ultimato da história. É hora de romper com esse pacto de mediocres para que não nos tornemos sombras num beco sem saída. A efetiva fertilidade de nosso futuro como Nação não depende de um espantalho fardado, mas de cada um de nós, lavradores dos nossos destinos.

RICARDO MIRANDA FILHO
Editor de Política

Saúde? Ene-a-ó-til!

É impressionante o descaso do Governo quando estudiosos da ciência se empenham em sacrifícios para melhorar as condições de vida da nossa população. As pesquisas desses profissionais, na maioria das vezes concluídas com recursos próprios, são por eles mesmos engavetados, ante a falta de apoio de quem deveria ter, no seu dia-a-dia, pelo menos a preocupação de acabar com os "misteriosos" sintomas dos brasileiros.

Inúmeras pesquisas na área de saúde deveriam ser aproveitadas de imediato, mesmo porque, o lucro seria de todos: povo sadio trabalha melhor. Porém, para os nossos dirigentes, é preferível ter o povo doente, apático e oprimido, a vê-lo saudável, em condições de reivindicar o que quer que seja. É preferível jogar nossos menores para compor a força de trabalho, a dar-lhes condições de terem infância e escola. É preferível aumentar a jornada de tra-

balho a empregar milhões de pessoas que não têm como comprar um pão sequer. Criam-se paliativos: bônus disso e daquilo, do leite do Sarney ao chapéu do Múcio.

E daí? Metade da população brasileira é desnutrida. Será que vão ter que esperar todo mundo ficar desnutrido para se dar as verdadeiras soluções? Muitos dos nossos "sérios" dirigentes já são considerados mal nutridos. Seria cômico se esperassem um pouco mais e esses governantes, na completa desnutrição, balofos, com as caras cheias de úisue, rastejassem aos pés do povo, clamando soluções de sobrevivência. Antes que isso aconteça, senhores do Governo, é bom prestarem atenção dando força aos cientistas que pesquisam na área de saúde.

DELMAN ASSIS

Sensacionalismo, já

Qualquer pesquisa de opinião hoje no País revelará, com certeza, a maior aspiração política da sociedade brasileira: eleições diretas para presidente já. Isto, entretanto, não justifica os excessos que se cometem em nome das "diretas já".

O "Jornal da Tarde" do dia 26 de outubro último publicou na primeira página uma pesquisa exclusiva onde revela que 76% das pessoas consultadas são favoráveis às eleições para presidente agora. A matéria ocupa toda a primeira página do jornal (embora o tema das "diretas já" seja assunto prioritário para qualquer jornal hoje). Do jeito que o assunto foi tratado, entretanto, só contribui para desacreditar a pesquisa, os métodos científicos de sondagem de opinião e o Jornal da Tarde, que parece estar fazendo força para entrar no triste clube dos jornais sensacionalistas.

A pesquisa, portanto, não tem nenhuma representatividade e seus resultados não autorizam os editores do Jornal da Tarde, um jornal considerado sério, a utilizarem a magia dos números para enganar seus leitores. Acobertada na "cientificidade" da pesquisa, a manchete do jornal procura causar impacto, chamar a atenção, vender o jornal.

O tratamento dado à matéria pelo jornal, entretanto, é leviano. A pesquisa não é científica, não é representativa de nenhum segmento da população brasileira e não merecia ocupar toda a primeira página do jornal (embora o tema das "diretas já" seja assunto prioritário para qualquer jornal hoje). Do jeito que o assunto foi tratado, entretanto, só contribui para desacreditar a pesquisa, os métodos científicos de sondagem de opinião e o Jornal da Tarde, que parece estar fazendo força para entrar no triste clube dos jornais sensacionalistas.

GONZAGA MOTTA

EXPEDIENTE

Jornal-laboratório do Departamento de Comunicação da UnB
Endereço: Campus da UnB-ICC Norte
Editor-chefe: Giselle Chassot
Editores: Eumano Silva e Ricardo Miranda Filho (Política), Delman Assis (UnB) e Glulliana Morrone (Comportamento)
Editores de Suplemento: Luiz Fernando Molina, Oswaldo Buarim Júnior, Luiz Piu, Dizo Dal Moro e Hélio Franco.
Repórteres e Redatores: Alessandra Rios, Benedito Augusto C. Ro-

drigues, Daniel Angelo, Flávio Guilherme, Jane Araújo, Jorge Lage, Larissa Chagas, Marcia Binder, Mario Salimon, Marilda Vargas, Marcos Pinheiro, Mario Celso de Araújo Tafuri, Mauro Porto, Nathália Knelpp, Paulo Cabral, Paulo Fona, Verner Uhlman, Valéria Cristina Castanho, Tld Carvalho, Floriano Lima Filho, Andréa Moraes, Andréa Quintiere, Militão Ricardo.
Fotografia: Andréa de Castro Fonseca, César Mendes, Cláudia Valéria A. Pereira, Dulcídio Siqueira Neto, Eunice Antunes Vieira, Isabel

Cristina Braga, Isabella Villa-Boas, Nathália Knelpp e Paulo Panlago.
Professores Orientadores: Salomão Amorim, Gonzaga Mota e André Gustavo Stumpf.
Editora Supervisora: Jornalista Célia Maria Ladeira
Diagramação: Márcio Amaral
Ilustração: Ricardo Miranda Filho.
Secretário de redação: Marcus Vinícius Bastos Lopes

Composição, revisão e impressão: CORREIO BRAZILIENSE

Opção pessoal
é fiel da
balança na ANC

O voto unido dos partidos na Comissão de Sistematização não era esperado, mas até na decisão sobre o sistema de governo e organização dos poderes os partidos, de maneira generalizada, têm votado em conjunto, ainda que haja exceções — notadamente nos maiores partidos, PMDB e PFL.

“O PMDB tem sido um partido coerente porque tem votado majoritariamente todas as questões programáticas, como por exemplo a estabilidade”, acredita o deputado Ibsen Pinheiro (PMDB-RS).

Contudo, o líder do PTB, Gastone Righi, coloca que entre todos partidos, “evidentemente o PMDB é o menos coerente. Já não é uma divisão ao meio ou em várias alas”, completa, endossado pelo deputado Valdo Barbosa (PDT-RJ): “cada um vota num sentido e isso tem levado o partido ao desgaste perante os eleitores”. Para Ibsen Pinheiro, a coerência do PMDB se expressa pelo compromisso ao avanço social, porém afirma que “os acordos políticos ocorrem no exercício da soberania da Constituinte”.

Dessa maneira, a deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ) que votou a favor de qualquer desapropriação — precedida de justa indenização — considerado pelos progressistas um obstáculo à implantação da reforma agrária — também apoiou a impenhorabilidade da pequena propriedade — a propriedade até 25 hectares, trabalhada por uma única família, não pode ser penhorada para o pagamento da dívida —, onde o PFL votou maciçamente contra.

Essa atitude também é votada por vários parlamentares do PMDB, que dependendo do assunto, apoiam a chamada esquerda ou direita. Por exemplo, o deputado Pimenta da Veiga (PMDB-MG), revelou-se conservador quando o assunto é terra: rejeitou a impenhorabilidade da pequena propriedade e aprovou a prévia indenização. Na realidade, esses parlamentares acabam se constituindo no fiel da balança nas votações, especialmente quando não surge acordo entre as lideranças dos partidos.

Segundo Righi, episodicamente o centro vota unido. Para ele, o centro não é coeso nem mesmo em matérias ideológicas. “Por exemplo, o Richa e a Sandra (Cavalcanti) nunca votam com a gente. Só de vez em quando. Eles votam de acordo com as posições deles. Quando você menos espera, eles estão votando com a esquerda, ou até mesmo com a direita”.

VERNER UHLMANN E
FLAVIO GUILHERME

OLHO VIVO

• A Constituinte Sandra Cavalcanti está preparando um dossiê sobre os bastidores da disputa entre parlamentaristas e presidencialistas na Comissão de Sistematização. Segundo a deputada do PFL do Rio, os cinquenta e sete constituintes que garantiram a aprovação do parlamentarismo no Brasil foram verdadeiros heróis, a resistir a pressões de toda ordem.

• Com o novo ritmo que a Comissão de Sistematização adotou para as votações, dando preferências a alguns destaques sobre outros, todo o substitutivo Cabral estará discutido e emendado até o prazo final, dia 30 de novembro. Só para dar um exemplo: o título quatro, da Organização dos Poderes e Sistema de Governo, um dos mais extensos do substitutivo, com mais de cem artigos, conseguiu ser examinado e votado nos seus pontos principais em cinco dias, exatamente dentro do prazo.

• A próxima grande polêmica na Comissão de Sistematização será em torno da reforma agrária, que faz parte do título geral sobre a Ordem Econômica.

• Mário Covas, líder do PMDB, voltou a Brasília esta semana e discretamente, começa a articular a sua candidatura para primeiro-ministro, que, de acordo com que já foi aprovado, deve ser escolhido tão logo se promulgar a Constituição.

• A autonomia do DF: ficou para as Disposições Transitórias a votação de uma emenda que elegeria, já em 88, um governador para o DF, com um mandato tampão, de dois anos. Em 90, o governador de Brasília seria eleito juntamente com os governadores dos demais Estados brasileiros.

Parlamentares não temem golpe militar

ABDD, manifesto do Figueiredo, invasão da prefeitura de Apucarana, ameaça de bombas na Esao. Uma sucessão de graves acontecimentos na área militar levou o país a conviver de novo com o fantasma de uma intervenção fardada. Essa nova agressão à transição democrática abalou a Assembléia Constituinte.

Assim como todo o país, a Assembléia Nacional Constituinte acompanha com grande expectativa o desenrolar dos recentes acontecimentos na área militar. Fatos graves que novamente reacendem a polêmica em torno de uma questão delicada para o País: o papel dos militares e os riscos de um golpe num país de frágil tradição democrática e um passado tumultuado por periódicas intervenções dos militares na vida política nacional. As intenções da Associação Brasileira de Defesa da Democracia (ABDD), entidade formada por militares de direita, o manifesto do ex-presidente João Figueiredo e a ameaça de bombas por oficiais da Escola Superior de Aperfeiçoamento de Oficiais (Esao) são ingredientes de uma salada indigesta para alguns e apetitosa para outros.

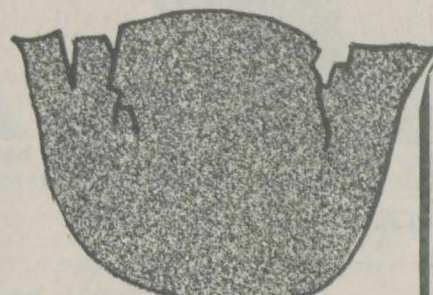
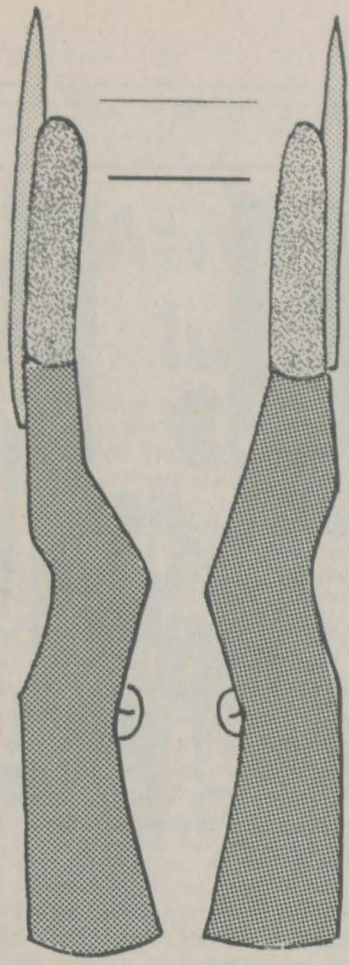
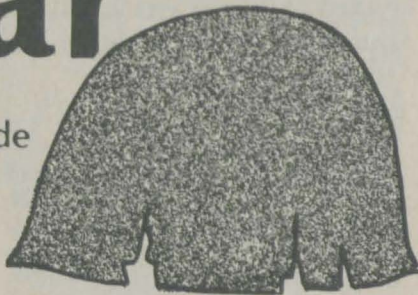
“Tudo isso se dá em função do vazio que a transição está deixando para que a direita se reaglutine”, explica o deputado Fernando Lyra (PMDB-PE), para quem “a culpa toda é do presidente José Sarney que estamos a transição democrática”. Com ele concorda a deputada Cristina Tavares (PMDB-PE), que acha que o presidente Sarney está se utilizando desses acontecimentos para promover uma “direitização do seu governo”. Outro deputado do PMDB pernambucano, Egidio Ferreira Lima, prefere culpar os “militares saudosistas” oriundos do regime autoritário pelas turbulências verificadas. E acrescenta: “Estamos vivendo uma fase de incerteza numa anarquia institucional, num ambiente de limbo”. Outro representante dos setores progressistas na Constituinte, o líder do PDT Brandão Monteiro (PDT-RJ), vê “interesses na desestabilização do processo democrático”, partindo de “antigos membros do regime militar”.

“São apenas manifestações de cidadãos brasileiros que contrariam determinados setores da esquerda”, dis-

corda o deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP). Para ele “a esquerda é que está vendo fantasmas”. “Não existe nem cheiro de golpe”, antecipa o deputado Jorge Arbage (PDS-PA). É o mesmo pensamento do senador Virgílio Távora (PDS-CE), secretário-geral do seu partido. Virgílio, um coronel da reserva, detecta “insatisfações de parcelas do mundo castrense”, mas descarta colorações políticas nas recentes manifestações do meio. “O problema salarial é que é angustiante, pois o oficial está praticamente morrendo de fome”, atesta. “Os salários estavam muito aviltados e os militares, como os civis, estão sofrendo o arrocho salarial”, avalia o líder do PTB, deputado Gastone Righi (PTB-SP).

Em relação ao manifesto do ex-presidente Figueiredo as opiniões variam muito, já que o documento foi classificado de “correto e acertado” pelo o deputado Bonifácio de Andrada (PDS-MG) e “infeliz” pelo senador Virgílio Távora, aliás líder do governo Figueiredo no Senado para assuntos econômicos. Há opiniões mais passionais, como a do deputado Jorge Arbage, para quem “é uma grande pilhéria se atribuir a condição de conspirador a um homem (Figueiredo) que é o patrono do projeto de abertura democrática, que promoveu a unidade da família brasileira”. Já o deputado Gastone Righi é mais irônico. “Esse manifesto soa como uma voz além-túmulo”, brinca.

“O Brasil já não comporta mais esse tipo de entidades que agem com moralismo com atitudes imorais”. Essa frase do deputado Luís Inácio ‘Lula’ da Silva (PT-SP) sobre a ABDD coincide com as palavras do senador Nelson Carneiro (PMDB-RJ). “É um ponto de vista que não pode mais prevalecer no País”, adverte. Para Brandão Monteiro é uma “entidade espúria”. O senador Virgílio Távora prefere ver na ABDD uma associação de “combate ao ócio”. Os comunis-



Ricardo

Você tem medo de urutu?

“Há aqueles que recomendam, como o melhor caminho para a participação dos militares na recuperação do País, intervir e assumir o controle do Governo. Os mais sinceros dizem que isso é necessário devido à incapacidade das instituições políticas para resolver os problemas da Nação. As Forças Armadas não podem fazer do Brasil uma outra república sul-americana. Se nós adotarmos esse regime entraremos nele pela força, haveremos de mantê-lo apenas pela força e sairemos dele pela força”. Esse trecho de um discurso proferido há mais de 30 anos revela um nervo exposto da vida brasileira. A relação da corporação militar com a história política do País inspirou em 1955 o general Castelo Branco e permaneceu insólvel ainda hoje como demonstram alguns graves fatos que alimentaram os noticiários e inquietam a todos.

Mais do que a sombra de um passado desenhado a baioneta, teme-se que o futuro dê de cara com um Urutu de plantão. Há seis meses, um Urutu foi usado para assustar os grevistas da Central do Brasil, no Rio de Janeiro. Em novembro do ano passado, ele voltou a atacar no badernaço de Brasília. No início de outubro, os trabalhadores em greve da usina de Itaipu, no Paraná, encontraram um comitê de recepção bem original. Um general decidiu intimidar os grevistas comandando uma tropa de

choque armada a baioneta. Vários operários foram feridos.

No dia 7 de outubro foi a vez da ABDD (Associação Brasileira de Defesa da Democracia) colocar mais lenha no caldeirão político. Essa entidade, para onde convergiu boa parte da direita militar, realizou uma conferência no Clube da Aeronáutica, no Rio, onde foram feitas pesadas críticas ao governo do presidente José Sarney. A partir daí explodiram detalhes apimentados sobre essa organização, como o fato de ter sido criada ainda em 84 dentro do Centro de Informações do Exército (CIE), além do que seus fundadores são em sua maioria de militares da ativa, sempre oficiais intimamente identificados com o regime militar.

O desembarço com que a linha dura militar passou a ganhar espaço nos jornais parece ter entusiasmado o ex-presidente João Figueiredo, que no dia 14 de outubro lançou um manifesto à Nação com uma sucessão de críticas virulentas ao governo Sarney. A divulgação do documento, como se soube depois, faz parte de uma campanha organizada por amigos do ex-presidente visando empolgar o nome do general para a futura disputa presidencial.

O festival de incursões dos militares pela vida política do País teve ainda uma exibição dramática no dia 22 de outubro. Na onda de sérios problemas salariais enfrentados pelos

militares, um capitão resolveu invadir a prefeitura da cidade paranaense de Apucarana, comandando 50 homens com fuzis e metralhadoras, para protestar contra os baixos salários. Isso apressou a assinatura do decreto presidencial aumentando os vencimentos dos militares, mas não desfez o mal estar gerado. Afinal, já no dia 21 um capitão da Escola Superior de Aperfeiçoamento de Oficiais (Esao) havia sido preso por protestar contra a política salarial do governo e as autoridades políticas do País.

Foi seguindo essa pista que o País soube atônito de um plano engendrado dentro da Esao por alguns oficiais, cujo objetivo era explodir bombas em vários quartéis como forma de intimidar o Governo e colocar em dúvida o real comando do ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, sobre a tropa. Apesar das denúncias de atos terroristas sendo planejados, o Exército preferiu negar o complot. Isso não impediu no entanto que o ministro do Exército viesse a público reafirmar seu comando e desafiou aqueles que duvidem de suas palavras: “Meu discurso, feito dia 27 último, teve o oportunismo de um freio nas cogitações e temores, mas não consegue negar as evidências”.

RICARDO MIRANDA FILHO

“Sempre existe o risco de a transição, a direita neste país continua montada inteiramente como um instrumento de intimidação a nossas propostas. De fato há uma ameaça a nossa direita está organizada. O que é preciso é um longo processo de conscientização e um projeto de nação e que, por isso mesmo, defenda a democracia”.

Cristóvão Buarque

RICARDO MIRANDA FILHO

PCB comemora 70 anos da revolução

O Partido Comunista Brasileiro organizará nos dias 7 e 8 de Novembro em São Paulo a “Festa da Glasnost” para comemorar os 70 anos da Revolução Soviética de Outubro. O PCB promete uma programação variada, com comidas típicas, artesanato soviético e brasileiro, show de música com grupos soviéticos, além de um concerto da Orquestra Sinfônica de Campinas, com a participação de Artur Moreira Lima.

Segundo o deputado Augusto Carvalho (PCB-DF), a “Festa da Glasnost” pretende comemorar os 70 anos da Revolução de Outubro com toda a sociedade brasileira. Para o deputado, “esta data confirma a obsessão dos comunistas brasileiros de que é possível construir o socialismo, adequado à nossa realidade, como também uma humanidade mais fraterna e sem guerras”.

A GLASNOST E OS BRASILEIROS. O jornal “A Folha de São Paulo” publicou uma pesquisa realizada sobre a Glasnost entre os brasileiros. Segundo esta pesquisa, a maioria dos brasileiros (63%) desconhece o nome do atual líder da URSS, mas 49% dos entrevistados já ouviram falar na Glasnost e 39% acreditam que há efetivamente um processo de democratização em curso no país.

Termos como a Glasnost e a Perestroika (Transparência e reestruturação) tomam conta dos debates e do noticiário. Aqui mesmo na UnB, nas últimas eleições para o Centro Acadêmico de Letras, uma das chapas se denominava Glasnost. Todo este processo de discussão ocorre no mo-

mento em que a Revolução Soviética completa seus 70 anos de existência no dia 7 de Novembro (25 de Outubro pelo antigo calendário da Igreja Ortodoxa).

O DOSSINICADO HISTÓRICO

O professor Marcos Braga, que leciona a disciplina “História da URSS e do Leste Europeu” no departamento de História da UnB, conhece de perto a sociedade soviética. Os seus cursos de Graduação e Pós-graduação foram realizados em 9 anos de estudos na União Soviética. Para o professor, “a Revolução de Outubro foi um divisor de águas na História da Humanidade e o importante é não só a destruição do monopólio dos meios de produção, mas também a sua permanência nestes 70 anos”.

Marcos Braga afirmou ainda que após esta democratização das relações econômicas, ocorre hoje um processo de ampliação da democracia a nível da superestrutura, ou seja, no campo da cultura, da criação e da participação.

Já para o Deputado Augusto Carvalho, os 70 anos representam a concretização da Utopia pela qual se bateram os povos do mundo na luta permanente pela libertação e por uma humanidade mais fraterna. Segundo Augusto, “esta concretização ocorreu em meio a gigantescas dificuldades, mas a URSS goza hoje de um grande prestígio internacional”.

MAURO PORTO



ALESSANDRA RIOS

PRISCO VIANA

A tímida reforma ministerial de Sarney foi antes de tudo um presente ao amigo Prisco Viana, novo titular da pasta da Habitação. Ex-secretário geral da Arena e do PDS e malufista, é o perfil do novo ministro

Campus: Como ficam as manobras do Planalto dentro do Congresso com a sua saída, já que era um dos maiores articuladores de Sarney?

Prisco: A Coordenação Política do governo será feita pelo deputado Carlos Sant’Anna, muito competente e dedicado no exercício dessa atribuição que é liderar as forças majoritárias dentro da Constituinte.

Campus: Essa reforma ministerial não ficou além das expectativas?

Prisco: Quando o presidente Sarney imaginou realizar uma reforma administrativa e política, uma iria depender da abrangência da outra. Não querendo, entretanto, atropelar o Congresso, o presidente não fez a reforma administrativa na dimensão em que imaginou e em consequência disso também restringiu a reforma ministerial, limitando-se a alguns ministérios. Aproveitou ainda para levar para o executivo três parlamentares que representam novos canais de aproximação do governo com o Congresso.

Campus: Quem venceu nessa reforma? O Centro Democrático?

Prisco: Não. Venceram as correntes de centro que atuam na Constituinte, refletindo o pensamento político que mais se ajusta com o governo. Este não é um governo radical. As eleições de 86 não privilegiaram nem a extrema esquerda nem a extrema direita. A maioria dos congressistas provém das correntes de centro do pensamento brasileiro.

Campus: A incorporação da Caixa Econômica Federal engorda o poder político do ministério?

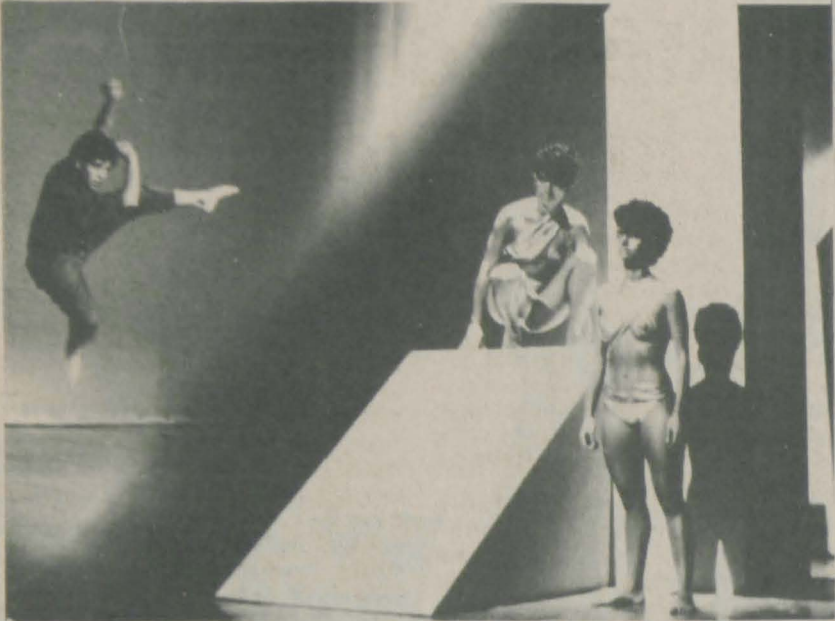
Prisco: Muitos se apressaram em dizer que a incorporação da Caixa à estrutura do ministério da Habitação, Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente representaria perda para essa instituição. Ao contrário disso, entendo que representa ganhos, pois a Caixa não perde nenhuma de suas

O REITOR DA UnB É UM

Ficou curioso? Agora imagine se alguém tivesse rasgado o livro que você lê hoje. Você ficaria curioso. A biblioteca da UnB tem tido centenas de obras danificadas por puro vandalismo, o que impede que inúmeras pessoas tenham acesso a informações importantes. Não deixe que isto continue a acontecer. Lembre o quanto você ficou ansioso pra descobrir o fim da frase ao lado. Desta vez até que dá pra quebrar o galho e dizer que o reitor da UnB é um ótimo escritor. Mas da próxima... Vamos respeitar a biblioteca. Afinal, temos que proteger o que é nosso.

BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

ARTHUR LACERDA



Attravés dos movimentos do corpo, há pessoas que se realizam desenvolvendo uma linguagem estética como arte.

DANÇA

O corpo como filosofia de vida

Desenvolver um trabalho junto à comunidade a partir de uma filosofia contemporânea, na qual a formação e utilização do corpo é a própria linguagem, é a nova política do Núcleo de Dança da UnB.

O objetivo principal deste núcleo é a pesquisa e o atendimento à comunidade, com cursos que vão desde a formação de uma dança até a vivência corporal para a produção artística.

Atualmente o Núcleo de Dança da UnB é constituído de três grupos, que são grupos de trabalho e pesquisa. O Grupo Experimental de Dança da UnB (GeDUnB), o Endança e o Lapislazuli. O GeDunb, o mais antigo (tem mais de dez anos), foi reestruturado em 1980 pelo professor Luiz Mendonça e é formado por alunos, ex-alunos e professores, tendo como objetivo atender à comunidade universitária através do entretenimento e eventos em geral, dentro ou fora da UnB.

No momento o GeDunB desenvolve um trabalho de dança junto às escolas de 1º e 2º graus (rede oficial de ensino), contando com a participação do Lapislazuli, grupo formado basicamente por adolescentes, que produz uma dança contemporânea, calcada na experiência do próprio GeDunB e do Endança.

Segundo a professora Márcia Duarte, coordenadora do Núcleo de Dança da UnB, as pessoas dançam pela necessidade de se expressarem artisticamente através dos movimentos do corpo, utilizando tanto a estética corporal como mental, e uma opção de uma nova maneira de viver.

Dentro do núcleo existe também um grupo informal de vivências em dança, dirigido para as pessoas fora do circuito acadêmico. É um trabalho simples, mas que oferece às pessoas a oportunidade de se manifestarem através de uma linguagem que não seja outra, senão a do próprio corpo. As pessoas jogam, brincam e dançam sem maiores compromissos, sem uma técnica específica ou formal, simplesmente vivência e experiência laboratorial.

Uma outra função do Núcleo de Dança é oferecer cursos de formação para dançarinos, tanto de dança clássica como de técnica contemporânea, que é a dança do nosso tempo, sem compromissos estabelecidos a não ser a linguagem atual, para um público dirigido, que são as pessoas que já dançam.

BENEDITO AUGUSTO C. RODRIGUES

PROGRAMAÇÃO

*Grupo Experimental de Dança da UnB (GeDunB): Promove em novembro o "Circuito de Dança — Educação", com espetáculos e debates sobre o tema — Corpo, Expressão e Educação, pelas escolas da rede oficial de ensino de 1º e 2º graus (para alunos e professores).

*Lapislazuli: Participação no mesmo circuito.

*Cursos e Oficinas: "Grupo de Vivências Corporais", oficina livre para adultos nas 3ªs e 5ªs das 12:00 às 14:00 horas.

*Dança Clássica e Consciência

Corporal: Com o professor Marcelo José, das 10:00 às 12:00 horas nas 2ªs, 4ªs, e 6ªs.

*Iniciação ao Movimento e Dança: Com o professor Luiz Mendonça para crianças de dez aos doze anos. Nas 3ªs e 5ªs das 16:00 às 18:00 horas.

OBS: Quaisquer outras informações, procurar a professora Márcia Duarte pelo fone: 274-0022 ramal 2233.

BENEDITO AUGUSTO C. RODRIGUES

PICARETAS

Reitor vai mudar avaliação na UnB

Vai mudar o processo de avaliação dos docentes da UnB, que a partir deste ano, por ordem do reitor Cristóvam Buarque, incluirá a carga docente, as teses sob orientação, outros trabalhos intelectuais além dos artigos e livros publicados e até a carga administrativa do professor.

A modificação do processo de avaliação dos docentes decorre das críticas da comunidade ao processo de "caça as bruxas" desencadeado pelo Decano de Pesquisa e Pós-Graduação, professor Isac Roitman, publicado no jornal CAMPUS e repercutido pelo Correio Braziliense e Rede Globo.

Faltando dois meses para o final do ano o reitor enviou um ofício ao decano solicitando a elaboração de um modelo de avaliação que incluía

além das produções utilizadas nos relatórios anteriores (principalmente trabalhos publicados), outras produções acadêmicas, culturais e científicas.

A Associação de Docentes da UnB (ADUnB) manifestou-se radicalmente contra o processo de avaliação anterior, que praticamente só incluía os trabalhos publicados pelo professor, sem considerar sua carga de ensino ou administrativa. Segundo a ADUnB, o conceito de desempenho acadêmico é muito mais abrangente que o de produção científica, incluindo um conjunto de outras atividades igualmente fundamentais e imprescindíveis, como o ensino, a extensão, a produção artística e a própria participação na vida colegiada da universidade.

A UnB caminha para a terceira greve deste ano. Os funcionários não gostaram dos 5% de gratificação dados por Sarney e esperam desde abril pela implantação da isonomia. Na segunda quinzena de novembro sai a decisão. Até quando a UnB aguenta?

A greve é tida como arma para o trabalhador garantir os seus direitos de um profissional digno. Só que na UnB, ela está se transformando no único caminho viável de negociação com o Governo, quando deveria ser a última instância nas reivindicações por melhores condições de trabalho. Depois que o presidente Sarney assinou o Decreto-Lei 2.365, no último dia 28, concedendo aos funcionários de Universidades uma gratificação de 5% sobre o salário básico deles, houve uma assembleia onde ficou decidido o indicativo de greve. A decisão de parar ou não vai depender de outra assembleia na segunda quinzena deste mês. Se for votada a greve

será a terceira em nove meses e irá demonstrar que o problema não está só na UnB, mas principalmente nas decisões dos homens que governam este País.

"Nós queremos o mesmo aumento dos militares", diz Rosalvo Pereira, presidente da Associação dos Servidores Técnico-Administrativos da UnB, ATA-FUB, se referindo aos 110% que Sarney concedeu na semana anterior ao decreto-lei, pressionado, entre outros acontecimentos, pela invasão de militares armados na prefeitura de Apucarana, Paraná. "Nós somos trabalhadores como eles e não devemos ser discriminados". Os professores, que levaram uma

gratificação de 20% pelo mesmo decreto-lei, também estão começando a se mobilizar. Durante toda a semana houve reuniões nos departamentos para avaliação e conscientização sobre os passos que podem ser tomados agora. "Os professores não gostaram do reajuste e devem fazer algum tipo de protesto", diz Sadi Dal Rosso, presidente da ADUnB. Para decidir qual seria a melhor forma de protesto, nesta sexta acontece uma assembleia da categoria.

Comparando com os funcionários, os professores estão em uma situação privilegiada. Além dos 15% a mais que receberam, depois que foi regulamentado o novo plano de cargos e salários, apesar de não ter sido posto em prática, os docentes tiveram um ganho significativo em seus salários, chegando a mais de 100% em alguns casos", garante o professor Antônio Ibanez, ex-presidente da ADUnB. Se o novo plano já estivesse vigorando, os funcionários também teriam um

aumento substancial, mas até agora só levaram do Governo um adiantamento de 20%. A comissão de 15 pessoas formada aqui na UnB para enquadrar os 1.100 professores e os 2.238 funcionários ainda está trabalhando e, depois de pronto, o enquadramento vai passar por uma série de crivos. O reitor vai ser o primeiro, depois o MEC e, se o trabalho for aprovado, vai à Secretaria da Administração Pública do Ministério da Administração, de onde sai o parecer final. Maria do Socorro de Carvalho, presidente da Comissão de Enquadramento, acha que o Governo está protelando a situação para não ter que pagar os novos salários ainda este ano. De seu lado, Rosalvo afirma que "educação não é prioridade do Governo e, como está, a situação é muito difícil".

FLORIANO FILHO

Vestibular: menos chance para passar

O vestibular da UnB mudou. Agora candidatos de outros Estados podem se inscrever, através do correio, a uma vaga na universidade. Além disso os inscritos terão opção única, eliminando a chance que vestibulandos tinham anteriormente de fazer duas ou três opções.

As opiniões a esse respeito divergem, e alunos de terceiro ano, cursinho e até mesmo orientadores de vestibular reagem de forma diferente. O Coordenador de Terceiro Ano, Sérgio Brum, acredita que essa mudança no vestibular não acarretou reação maior por parte dos alunos, pois quem está preparado para o vestibular, uma opção, duas ou mais, não faz diferença nenhuma. Para Sérgio, a única vantagem clara nessas novas regras reside no fato de que agora os cursos de 3ª opção serão menos concorridos.

"Se uma pessoa fazia o vestibular para uma opção e passava para outra, não era o que ela queria fazer", afirma Patrícia Almeida, aluna do terceiro ano do Colégio Leonardo Da Vinci. Patrícia acha ainda que com o vestibular a nível nacional, a concorrência aumentará bastante, pois o candidato de outros Estados terá mais facilidade para se inscrever.

Ao contrário das opiniões já apresentadas, Márcia José Marques, aluna do cursinho não concorda com Patrícia. Para ela, a vantagem do vestibular da UnB era justamente o fato de ter mais de uma opção, e dessa forma, facilitar a entrada do aluno no ensino superior. "Ter mais de uma opção, facilita para aqueles que não estão preparados para passar no curso pretendido, mas merecem entrar na universidade". Márcia acha também que não foi uma boa ideia passar o vestibular para nível nacional, pois segundo ela, a universidade deveria atender à população de Brasília e não às pessoas de outros Estados. "Eu acho que para cursar a UnB, a pessoa deveria morar em Brasília", afirma ela.

As duas alunas, no entanto, concordam em um ponto: a UnB deveria fazer algumas mudanças que abrangem maior número de pessoas, como, por exemplo, oferecer cursos à noite, pois "proporcionaria uma chance às pessoas que trabalham durante o dia e não têm condições de pagar uma faculdade particular durante a noite", afirma Márcia.

VALÉRIA CRISTINA CASTANHO

ISABELA VILLAS BOAS



A arquitetura da UnB isola, mas no Ceubinho todos se esbarram

Para uns, lugar de paquera, para outros, ponto de encontro.

CEUBINHO

A passarela mais quente da UnB

A Fauna que habita o espaço da entrada norte do Minhocão, o Ceubinho, entre os horários de aulas — principalmente às 10, 12 e 16 horas — adora uma rodinha de papo, é agitada, descontraída e cheia de expectativa. Mas se alguém tentar puxar uma conversa mais objetiva ali corre o risco de falar sozinho. Ninguém está muito ligado em nada. O Ceubinho é passagem, passarela e o pensamento também é passageiro, a julgar pelo olhar perdido de muitos. Enquanto transitam alunos, professores e funcionários, grupos jogam truco, conversam ou paqueram. "O Ceubinho é legal", diz A. Casquel, estudante de Letras, "porque é agradável e eu encontro meus amigos".

"É um ponto de encontro", confirma Ana Cláudia Costa, das Relações Exteriores, "por isso venho sempre". O Ceubinho é um daqueles fenômenos como o Beirute — bar da 109 Sul — ou o Gilberto Salomão (uma mistura de Gilberto e Gilbertinho, na opinião de Patrícia Rodrigues, aluna de Comunicação) onde as pessoas se acostumam a ir para encontrar alguém, mas que ninguém sabe explicar porque tem que ser ali, naquele ponto precisamente.

Atrativos? Na entrada sul tem muito mais, a livraria, uma grande banca de revistas, o correio, a xerox... Mas é no Ceubinho que o pessoal se concentra. A vendedora de revistas, Neide, que montou há três anos um balcão com jornais, revistas e livros, diz que o lugar é gostoso porque todos são joviais e alegres e de vez em quando pinta um grupo de rock ou teatro para dar um show.

Ivana Diniz Machado, ex-aluna de Psicologia, conta que o Ceubinho começou a existir no início da década de 70, quando alunos dos departamentos de Letras e Comunicação — cursos tidos como fáceis e muito procurados pelas mulheres — passaram a fazer ponto ali, enquanto aguardavam as aulas. "O Ceubinho virou então lugar de paquera", diz Ivana. "Venho aqui para paquerar os broti-

nhos" — confirma hoje um aluno de Arquitetura.

Heron Santiago, outro ex-aluno, lembra que muitos colegas deixavam de ir à aula para "amarrar uma boa prosa no Ceubinho". Numa universidade projetada arquitetonicamente para isolar as pessoas, lugares como o Ceubinho são raros pontos de calor e agitação. Uma válvula de escape para quem não aguenta a solidão.

Embora haja estudantes como Adriano D'Assunção, da Engenharia Mecânica, para quem o Ceubinho é apenas um ponto de encontro como seria o CO, o teatro de arena, ou o estacionamento, é difícil negar que por ser ali no meio da passagem para vários departamentos, inclusive para a biblioteca e a reitoria — que o Ceubinho tem muito mais chance de proporcionar encontros e esbarrões. Imagina se fosse no CO, ia precisar de uma linha de ônibus para lá.

JANE ARAÚJO

Quem não vai e não gosta

"Sendo um local de reunião de turbas ensandecidas, torna-se interessante a circunspeção de tipos mentecaptos". SÉRGIO AUGUSTO B.N. — MEDICINA

"Eu não sabia que isto era o Ceubinho. Aliás, não sabia que existia o Ceubinho".

UM ALUNO DE COMUNICAÇÃO QUE NÃO QUIS SE IDENTIFICAR.

"A UnB não seria a mesma sem o Ceubinho. A essência do espírito humano aqui presente, as concubinas aqui com suas plumas, as hienas a alegrarem o ambiente, as pseudo-vingras a espalharem suas proezas, enfim, tudo se perderia".

RONDON DE ANDRADE PORTO

"Não, definitivamente não, pois cessaria o ímpeto libidinoso das jo-

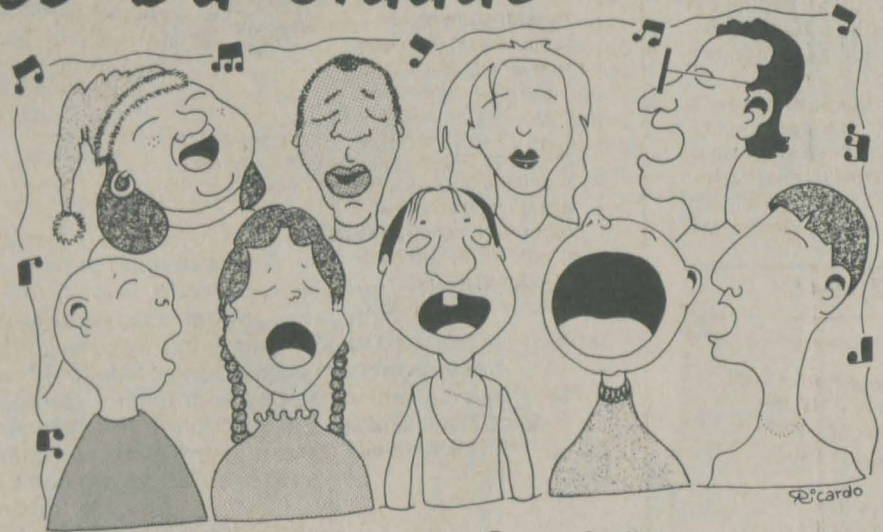
vens messalinas, pseudo-vingras, que se atiram à busca do prazer mundano".

SÉRGIO AUGUSTO B.N. — MEDICINA

"Acho o fim do mundo, toda a galerinha que não tem porra nenhuma pra fazer, fica aqui jogando truco e enchendo".

GUSTAVO GURGULINO DE SOUZA — ADMINISTRAÇÃO

A Música Vai Unir Todos Os Cantos Da Cidade



Se você não se inscreveu para a Serenata de Natal, não deixe de prestigiar quem está ensaiando só pra te encantar.

Neste fim de ano, o espírito do natal vai se espalhar por toda a cidade. Cante conosco!

Serenata de natal

CRIA/COM

SURPRESA

Mina d'água diminui custos

Com a finalidade de diminuir o consumo de água da Universidade de Brasília (no mês de outubro apenas no campus foram consumidos 63 milhões e 78 mil litros de água, de acordo com a Divisão de Controle e Faturamento da Caesb), foi realizado um estudo criterioso nos recursos hídricos disponíveis na universidade. A incapacidade de pagar suas dívidas, faz com que a UnB busque soluções mais práticas para resolver seus problemas de ordem financeira.

Esse estudo foi executado pelos professores: Antônio Campolina, Diretor de Obras, Jorge Cravo, do Departamento de Geologia, Décio Villas Boas, Chefe dos Serviços de Instalações e pela equipe da Divisão de Obras. "Gasta-se na universidade 2 milhões de litros de água por dia, segundo Antônio Campolina, existem potencialidades na UnB que estão sendo estudadas para ajudar a reduzir esse consumo de água fornecida pela Caesb. Pretende-se utilizar a mina existente e perfurar poços artesianos e futuramente tornar a UnB auto-suficiente em água".

A proposta experimental é abrir um primeiro poço nas proximidades da caixa de abastecimento do campus.

De acordo com Antônio Campolina, o prazo para a tramitação burocrática é muito maior do que a operacionalização de abertura do poço artesiano, "após a autorização da Reitoria o primeiro poço será aberto em um prazo de uma semana". O custo unitário para se abrir um poço, disse Campolina, ainda não é definido, dependendo das condições do terreno e da profundidade em torno de Cz\$ 700.000,00.

Logo após a perfuração e a consequente descoberta de água do poço, será feita uma análise pelo Laboratório de Análise de Água da UnB sob a orientação do Profº Marco Antônio, com o objetivo de saber se a água é apropriada para o consumo.

Para Arides Silva Campos, Diretor de Tecnologia Ambiental da Caesb, "corre-se o sério risco de se misturar a água tratada pela Caesb com a água desses poços artesianos quando, por acaso, se unir as duas tubulações, podendo colocar a população que frequenta a Universidade e utiliza dessa água, em perigo. Seria muito importante que a UnB fizesse uma triagem em toda a sua rede para tentar descobrir vazamentos (diminuindo assim o seu consumo) ao invés de

abrir poços artesianos, que demandam recursos e nem sempre conseguem atender às necessidades, pois não há como saber, com certeza, se existe água em quantidade suficiente. Há apenas uma expectativa de vazão".

Arides disse ainda que é necessário uma permissão da Caesb para perfuração desses poços. "A Caesb, de acordo com o decreto-lei nº 523, é o único órgão autorizado a realizar operação, manutenção e exploração dos sistemas de abastecimento, além da conservação e fiscalização das bacias hidrográficas utilizadas ou reservadas para suprir as necessidades de água do Distrito Federal. Apenas com uma autorização da empresa, a UnB poderá perfurar e utilizar os poços artesianos".

Apenas a mina localizada entre a Reitoria e a Biblioteca é aproveitada, sendo utilizada somente para a irrigação dos gramados do campus. "Não foi realizada nenhuma análise dessa água, por isso não sabemos se ela é própria para o consumo", explicação dada pelo Diretor de Obras, Antônio Campolina.

RICARDO BATISTA

Estatutos só no ano que vem. Será?

Um seletto grupo de oito representantes da comunidade universitária reúne-se semanalmente, na sala de reunião do Decanato de Extensão, para discutir o futuro da Universidade de Brasília. Eles sistematizam as propostas de Estatuto da UnB para entregar ao Conselho Universitário, até o final de novembro, um documento apontando os pontos convergentes e divergentes de tudo que já foi apresentado por professores, alunos, funcionários e reitoria.

É a tarefa não é fácil. Na mesa de reunião deles existem três propostas completas de estatuto — da reitoria, da ATA-FUB e do Instituto de Humanas — uma declaração de princípios da ADUnB sobre a gestão universitária e várias propostas de pontos específicos geradas nos departamentos de Matemática, Filosofia, Administração, Biologia Vegetal, Arquitetura e outros. “Nosso trabalho é de sistematização e estamos tentando encontrar os pontos comuns”, explica Mozart Machado, representante dos ex-alunos na comissão.

A dificuldade do grupo é exatamente essa. Como compatibilizar propostas conflitantes entre si? Ou, como definir a participação de cada segmento universitário nos órgãos colegiados, se cada parte interessada tem suas próprias idéias? Para resolver parcialmente esse problema, a comissão optou por inicialmente identificar e dar uma redação aos pontos comuns e relacionar as propostas inconciliáveis. Esse trabalho se transformará num documento final a ser entregue ao Conselho Universitário, instância que decidirá sobre a proposta final do estatuto. O Conselho, com isso, saberá quais os pontos em que há convergência de opiniões da comunidade e aqueles em que há divergência.

A intenção do grupo, coordenado pela chefe do Instituto de Humanas, Lia Zanotta, é terminar esse trabalho até o dia 30 de novembro, a nova data concedida pelo Conselho Universitário, depois que a comissão não conseguiu cumprir o primeiro prazo. Para agilizar o processo de discussão, a comissão dedica-se a analisar aqueles pontos que mereceram o maior número de propostas. Nesse caso, está incluída a participação dos estudantes, professores e funcionários nos órgãos colegiados, enfim, a divisão do poder na universidade.

Se o grupo conseguir, de fato, concluir seu trabalho até o final de novembro a universidade pode ter um novo estatuto no final do primeiro semestre do próximo ano. Até lá a comunidade universitária conviverá com uma exdrúxula situação jurídica —o estatuto em vigor não é respeitado por nenhuma instância administrativa ao mesmo tempo em que os novos atos da administração — o fim do MGA, por exemplo — carecem de legalidade. E essa situação perdurará por algum tempo e irá repercutir na gestão do próximo reitor. Isso porque o Regimento Geral da universidade e o Estatuto da Fundação Universidade de Brasília sequer foram discutidos exaustivamente pela comunidade. Para se ter uma idéia das dificuldades legais, a reformulação, da Fundação passará necessariamente pelo Congresso Nacional. É trabalho para dois anos.

PAULO FONA

FLASHES

O professor Geraldo Moraes, diretor do CPCE, começou a filmar o “Círculo de Fogo”, seu segundo longa-metragem. As filmagens serão todas feitas na cidade de Goiás, para onde se deslocaram cenógrafos, iluminadores, artistas e outros profissionais. Entre as estrelas do filme, Roberto Bonfim, Ednei Joveni, Tonico Pereira, B. de Paiva e Cristina Prochaska. A equipe produzirá também cinco documentários sobre personagens e coisas da cidade de Goiás. Entre eles, um sobre a casa e a poesia de Cora Coralina, outro sobre a Casa de Fundação de Ouro, um terceiro sobre as docerias de Goiás. O primeiro longa metragem de Geraldo Moraes, “A Difícil Viagem”, foi sucesso de crítica e de público.

O departamento de Música promove no próximo dia 10, um workshop sobre flauta e eletrônica, com a participação de Pierre Artaud e coordenação da professora Odette Ernest Dias. Serão duas sessões: pela manhã, das 10 ao meio dia, e à tarde, das duas às quatro horas.

O departamento de Educação Física informa que continuam abertas as inscrições para o curso comunitário de natação, sempre às terças e sextas-feiras. O objetivo do curso é dar à comunidade universitária a oportunidade da prática da natação e para isto, são vários os horários das aulas.

O departamento de História está com inscrições abertas para o curso de Mestrado em História Política do Brasil e em Relações Internacionais do Brasil. As inscrições vão até o dia 5 de dezembro, lá mesmo no Departamento.

Hospital: meta é mudar tudo

A UnB assume o hospital Presidente Médici e promete já para o fim do ano a reabertura de 100 leitos. O objetivo é melhorar a qualidade do atendimento à população, transformando o hospital.

O hospital da 605 Norte, ex-Presidente Médici, continua sendo da rede hospitalar do DF, mas sua gestão é da Universidade de Brasília, que não tinha local definido para nuclear as atividades dos docentes e discentes. É que a UnB assume de vez papel importante dentro do sistema de saúde do Distrito Federal. O professor Eduardo Queiroz, diretor do Departamento de Ciências da Saúde, assumiu em outubro a direção do hospital que passa a ser o Hospital Docente Assistencial de Brasília.

O Professor, que tem prazo até janeiro de 88 para apresentar plano de metas à Comissão Interinstitucional de Saúde — CIS, diz que o mais importante para a população é que haverá um saldo qualitativo bem melhor na assistência. Já está em andamento o processo de contratação de pessoal, compra de equipamentos, reforma na estrutura, e a reabertura de 100 leitos até final deste ano. O ambulatório será ampliado, acabarão as filas enormes e marcação de consultas muito à distância. A idéia é de que o hospital seja a referência de toda a Asa Norte.

Nada é novidade para o atual diretor, que trabalha no hospital há dois anos — a fuligem da chaminé, ambulatórios sem equipamentos, ventilador, eleições diretas, tudo que se imaginar já foi pedido. Mas existem os entraves burocráticos. “Para realmente exercer a autonomia administrativa e financeira, vai demorar um pouco, porque as verbas ainda não estão todas alocadas. Ainda há muitas amarras com a superintendência do INAMPS”.

Para os internos, Jorge e Evaldo, do 6º ano de medicina, a importância do hospital-escola é que podem aplicar com liberdade o que aprendem em aula. “Não só vai melhorar o ensino, como o nível de assistência prestada à população. O objetivo principal é o atendimento do paciente”. Mas se não for ampliado o corpo de professores, os internos não se animam tanto. “O professor que está aqui, dá aulas também lá no Cam-

Sob a orientação dos professores, os internos têm mais responsabilidades.

pus, o que sobrecarrega muito”. Tem também o problema do descaso dos funcionários do hospital em relação aos estagiários. “Agora, a UnB assumindo, isso muda, pois é fundamental integrar a comunidade à Universidade”.

Os funcionários reclamam desde da falta de refeição até dos uniformes que não recebem há três anos. “Lá na cozinha não uma tal de Raimunda, que não é Raimunda, é o demônio, que tira até a xicara da mão da pessoa. O diretor devia tirar ela de lá”. A verdade é que a maioria dos funcionários trabalha em jejum e, para eles, d. Raimunda anda jogando fora a sobra dos alimentos. Mas d. Raimunda, nutricionista, chefe do Setor Técnico Alimentar, diz que o hospital não tem condições de dar refeição para todo mundo. A cozinha funciona para os pacientes internados e para o pessoal que está de plantão. “Estamos com equipamentos de 15 anos e aqui não joga um pão fora, é tudo cotidinho. O que é rejeitado pelo paciente é jogado no lixo, não é aproveitado nem para os animais. Muitas vezes, o que acontece é que pessoas, que não têm direito, invadem o refeitório, e tiram de quem realmente precisa”. A opinião de d. Raimunda sobre a nova administração é que quando se pensa numa instituição como escola, estamos lidando com pessoal que estuda muito e, quem ensina procura sempre a perfeição.

PARIDADE

Questão de pesos e medidas

A comunidade universitária está (re) discutindo a questão da paridade. Há quem a defenda, mas há também quem afirme que ela não funciona... Tudo começou com a convocação de eleições gerais para a reitoria, em 85. A gestão Azevedo terminava e a universidade iniciava seu processo democrático. Em nome dessa democracia, ficou decidido que as eleições seriam paritárias, ou seja, estudantes, professores e funcionários teriam o mesmo peso (1/3 de representatividade para cada setor).

Primeiro foram os professores. Reunidos nos dias 30 de setembro e 1º e 2 de outubro, eles acabaram concluindo que o atual sistema eleitoral se, por um lado mostrou-se muito positivo e deve ser mantido a nível de reitoria e vice-reitoria, por outro, causou algumas dificuldades a nível de institutos e departamentos. Sadi dal Rosso, presidente da ADUnB (Associação dos Docentes da UnB) comenta que a aplicação automática do princípio da paridade tem distorções: “Em alguns institutos e faculdades, categorias com pouquíssima representatividade ficaram praticamente dotadas de direito de veto”. Ele cita como exemplo um departamento (hipotético) onde houvesse um único funcionário. Nesse caso ele, sozinho, teria os mesmos direitos de toda uma categoria. Para tentar acabar com problemas como esse, os professores têm duas propostas diferentes:

1 - O processo eleitoral ocorreria em dois blocos; um de professores e o outro formado por alunos e funcionários. A cada bloco corresponderia 50% do peso das eleições.

2 — O atual critério seria mantido nas eleições para reitor. Para eleições em departamentos, institutos e facul-

dade, a proposta é a aplicação do peso para cada categoria de acordo com a representatividade que tiveram nas eleições gerais.

FUNCIONÁRIOS

Os funcionários também estiveram analisando a questão, em Seminário realizado na UnB nos dias 15 e 16 de outubro. De acordo com Rosalvo Pereira Filho, presidente da ATAFUB (Associação dos Servidores Técnicos da UnB), é importante assegurar o direito à representatividade em todas as instâncias da Universidade. Apesar de acreditar que a paridade nas eleições para a reitoria foi um grande avanço, Rosalvo teme pela participação nos órgãos colegiados. Ele explica que ali, a representatividade não é estatutária: “Qualquer conselheiro pode vetar o voto do servidor. Basta que ele peça que cumpra-se o estatuto”.

Para garantir a participação efetiva dos funcionários na UnB, Rosalvo tem uma única proposta: a paridade em todos os níveis. “Nós não queremos participação maior que qualquer segmento. O que a gente quer é condição de igualdade”, finaliza.

Já Pedro Tomáz, coordenador da Comissão de Estatutos, ligada à ATAFUB, acredita que o sistema eleitoral nos departamentos precisa ser analisado com cuidado. “Em alguns casos, a paridade não é justa. É preciso limitar a participação de cada categoria de acordo com o seu peso no departamento”, acredita.

ESTUDANTES

Ainda desmobilizados, os estudantes não têm uma proposta coesa para a questão. Alguns apóiam a divisão em dois blocos. Só que nesse caso, um deles seria composto de estudantes e o outro de professores e funcio-

nários. Há também quem defenda o atual sistema. E há uma terceira proposta: o voto livre. Um dos defensores dessa última idéia é o estudante de Engenharia Florestal, Benício Melo. Para ele, “todo mundo deveria votar numa mesma urna, com o mesmo peso”.

Paulo Rocha, de Sociologia, discorda da proposta de Benício. Ele acredita que, nesse caso, os estudantes acabariam “comandando” a Universidade. O que Paulo questiona é esse comando. Segundo ele, “nenhum setor deve mandar e desmandar e a melhor solução seria a paridade nos moldes em que está ou com um peso um pouco maior para estudantes e professores.

REITORIA

Para a reitoria, sistema eleitoral já é um assunto resolvido. Pelo menos, com relação às eleições gerais. O vice-reitor, João Cláudio Todorov afirma que “não há a menor dúvida; o apoio ao critério vigente é total”.

Para as instâncias inferiores, Todorov acredita na proposta de divisão em dois blocos. “É uma maneira de preservar a paridade aliada à realidade.

Enquanto toda a Universidade discute a paridade, há um problema que não pode ser esquecido: as eleições para reitor acabam numa lista de seis nomes. A partir daí, quem decide é o presidente da República. Rosalvo Pereira Filho acredita que a única forma de acabar com isso é conseguir a autonomia da Universidade, para que a comunidade acadêmica possa escolher. Já Sadi dal Rosso afirma que a solução deverá vir com a nova Constituição. “Queremos não que a eleição termine e se realize dentro da Instituição”.

GISELLE CHASSOT

“Espaço não é ter um cargo de direção: Espaço é ter um cargo de participação efetiva nos órgãos decisórios ou deliberativos”
(Rosalvo Pereira Filho — Presidente da ATAFUB)

“Os três segmentos — professores, alunos e funcionários — têm que se entender e descobrir o que eles querem de uma Universidade. As responsabilidades são iguais”.
(Paulo Rocha — Estudante de Sociologia)



VERBAS

Dona Ida da Silva, moradora de Taguatinga, foi ao hospital para fazer um exame urgente para operar do perineo. Ela diz que já havia marcado a operação, mas quando chegou na porta da cirurgia, o médico, do qual não se recorda o nome, mandou que ela voltasse, alegando que estava cansado. Marcou outra vez para internar. Quando voltou a procurar o hospital, aconteceu a “bendita greve”. Já d. Petronila, 67 anos, com várias consultas marcadas, reclama do atendimento “que é devagar”. “Marquei consulta para dia 30 de outubro e só vou ter o resultado em 25 de novembro”. O custeio do hospital, neste ano, foi de Cz\$ 400 milhões do INAMPS mais Cz\$ 35 milhões que entraram do MEC no último trimestre, para investimento na consolidação do projeto de docência e assistência. Para o ano, o professor Eduardo Queiroz prevê que o INAMPS continue arcando com o custeio e o MEC entraria com o equivalente a 50% do total do orçamento do hospital. Dona Terezinha, auxiliar de enfermagem que está no hospital desde 1973, acredita que a situação do pessoal não tem como piorar mais. “Sabe o que é estar aqui desde a fundação e ganhar seis ou oito mil cruzados?”

DELMAN ASSIS

Até na doença, a luta de classes

Existe doença de pobre e doença de rico? Segundo o professor José Dórea, do Departamento de Nutrição, até na doença pobres e ricos são diferentes. O pobre é desnutrido e o rico é malnutrido, ou seja, pobre come pouco e rico come mal. Em consequência, pobre é doente porque passa fome e rico é doente porque bebe muito uísque, come carne demais e vive com stress, diabetes e obesidade.

Estas diferenças da sorte fazem parte de uma pesquisa que o professor Dórea e sua equipe do Departamento de Nutrição vêm realizando há doze anos. Eles pesquisam, principalmente, as seqüelas da fome com o objetivo de dar subsídios à classe médica. Com recursos próprios ou com o que ele chama de “esmolas do CNPq”, a equipe acabou por relacionar todo o quadro nutricional do pobre com o que comem as classes mais abastadas.

A pesquisa mostra que a desnutrição, doença mais freqüente causada pela fome, associada ou como problema específico, pode causar deficiências de vitamina A, anemias, bócio endêmico. Já os mais favorecidos têm problemas diferentes: diabetes, obesidade, gota, problemas metabólicos e alcoolismo.

Na favela do Varão, um dos lugares onde a pesquisa está sendo realizada, todas as crianças estão com o crescimento físico comprometido. D. Maria Justina, 49 anos, mãe de seis filhos entre 10 meses e 14 anos, diz que, dos seis, dois tiveram pneumonia, dois têm problemas de visão e um tem anemia. Os pequenos ostentam barrigas enormes, cheias de vermes. O de 10 meses mama no peito e “come de tudo”. Todos eles, pai, mãe e filhos fazem a monótona dieta do arroz com feijão. Mas D. Maria diz que “todo tipo de coisa eles comem”. De manhã é pão e leite. O que eles comem hoje, D. Maria? “Arroz e feijão”. E ontem? “Arroz e feijão”.

O diretor do Departamento de Ciências da Saúde, professor Eduardo Queiroz, diz que há indicativos

de que o desenvolvimento mental pode ser também afetado pela desnutrição. “A fome compromete seriamente a força trabalhadora, à medida que cansa, provoca desatenção e ocasiona acidentes de trabalho. A hipoglicemia, falta de açúcar no sangue, pode levar à sonolência e a desmaios”.

Se a baixa renda é a maior causadora da fome, as consequências afetam principalmente as crianças, cujas mães, sem acesso aos bons alimentos e à higiene, não conseguem desenvolver normalmente a gestação. Quando nascem as crianças têm menos peso que as outras. E as mães, quando amamentam, não conseguem produzir leite com nível de gordura adequado para sustentar o filho. O que não ocorre com as mães de classe alta, cujo percentual de gordura no leite é bem maior.

No caso de crianças que recebem mamadeiras, existe também diferença, levando-se em conta as condições de higiene. Mesmo que a mãe pobre prepare a mamadeira com todos os nutrientes que a mãe rica usa, a falta de higiene pode provocar freqüentes diarreias nos bebês.

O Censo de 1970 mostrou que 44% das famílias brasileiras tinham renda inferior a 1/4 do salário mínimo. O de 80 indica que diminuiu em 30% a pobreza absoluta, porém, segundo o professor Elbio, aumentou em 300% o nível de renda dos que ganhavam mais. Para aumentar, a renda real, “optaram por prolongar a jornada de trabalho e jogaram milhões de menores que deveriam estar nas escolas, para compor a força de trabalho”.

Dos 26 milhões de famílias brasileiras, de acordo com o censo de 80, 14% correspondem às famílias “quebradas” (em todos os sentidos). 32% das famílias são literalmente analfabetas e das famílias rurais, 34% estão na faixa vermelha, em condições de absoluta miséria.

DELMAN ASSIS

PÓS - GRADUAÇÃO

Associação para lutar por bolsa

Nos próximos dias 11 e 12 de novembro, a Associação de Estudantes de Pós-Graduação da Universidade de Brasília (AEPG-UnB) estará realizando eleições para sua primeira diretoria. Além de tentar reunir um maior número possível de pós-graduandos para que, juntos, pudessem lutar por seus interesses, esta organização surge como uma frente contra a decisão do Governo de diminuir 16 milhões de dólares no orçamento das bolsas de estudo no exterior na tentativa de amenizar o déficit nacional.

Segundo Oscar Caiado, candidato a diretor de Imprensa na chapa única que concorrerá às eleições, o objetivo principal defendido pela chapa é “interagir para transformar a Universidade num meio mais democrático e mais voltado aos interesses da população. Precisamos transformar a Universidade num centro cultural”, afirma ele.

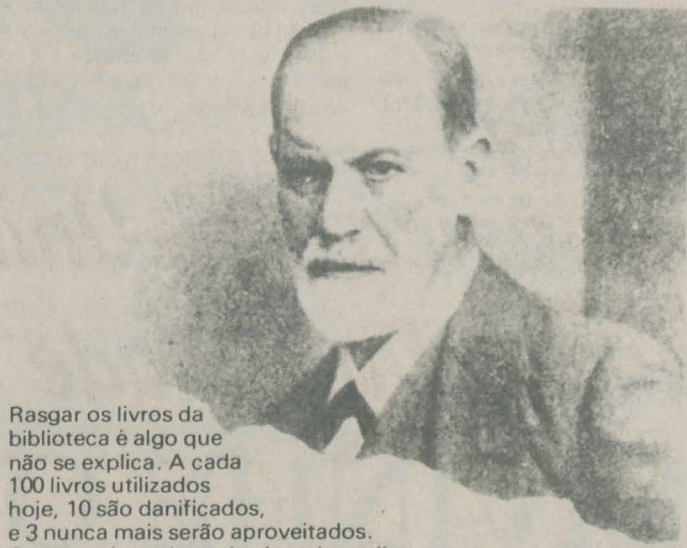
Após a eleição, a principal luta da Diretoria vai ser por melhores condições de estudo para os alunos de pós-graduação, principalmente no que se refere à continuação do vínculo entre

o valor da bolsa e o salário do professor auxiliar. Atualmente, o aluno de pós-graduação que tem bolsa de estudos recebe o equivalente a 70 por cento do salário do professor auxiliar com dedicação exclusiva; ou seja, mais ou menos 20 mil cruzados mensais, e o governo tem tentado desvincular esse valor do vencimento dos professores sob a alegação de que a inflação elevou muito os salários e não é possível que as bolsas continuem a acompanhá-los.

Outro ponto polêmico que vem repercutindo na comunidade científica é a diminuição em 16 milhões de dólares no orçamento das 2.500 bolsas de estudo no estrangeiro, concedidas pelo CNPq e CAPES, para reduzir o déficit nacional. Sobre esse assunto, o jornalista e comentarista econômico Joelmir Beting afirmou: “suprimir bolsas de estudo para baixar o déficit público é dose para leão puxado a burro com vocação para avestruz”.

VALÉRIA CRISTINA CASTANHO

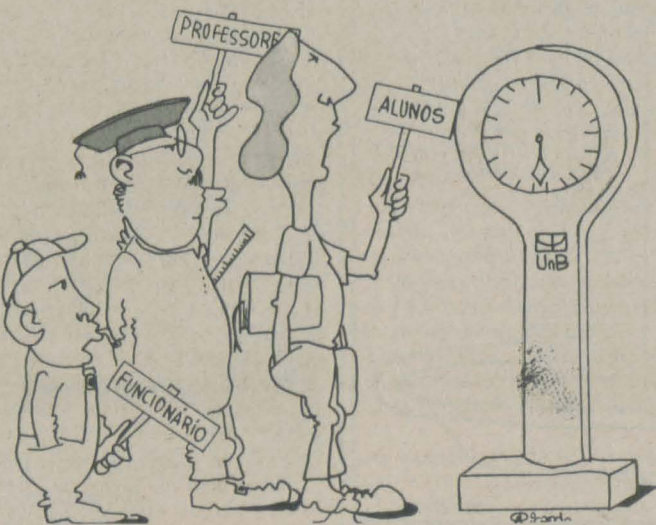
NEM FREUD EXPLICA



Rasgar os livros da biblioteca é algo que não se explica. A cada 100 livros utilizados hoje, 10 são danificados, e 3 nunca mais serão aproveitados. O que será que leva alguém a impedir o acesso à informação, cultura e lazer que só uma biblioteca como essa pode oferecer? Freud pode até tentar explicar, mas nem ele escapa!

CRIA/COM

BIBLIOTECA CENTRAL



AFUNDAÇÃO CULTURAL?

Política e Cultura: um par que vem caminhando, lado a lado, de acordo com a orientação do GDF. Fora as manifestações culturais, espontâneas do brasiliense, como fica a ação da Secretaria de Cultura e Fundação Cultural do DF?

Cultura em crise. A nomeação do novo diretor da Fundação Cultural, o maestro e compositor pernambucano, Marlos Nobre, agita o meio artístico da cidade e levanta uma antiga polêmica: cabe ao Estado definir uma política cultural?

14 de outubro. No salão nobre do Palácio do Buriti tomava posse o novo diretor da Fundação Cultural, o maestro Marlos Nobre. Reynaldo Jardim deixava a FCDF para cuidar de todos os projetos de cultura alternativa, desenvolvidos pelo GDF. A entrada de Marlos foi vista pela imprensa como uma verdadeira articulação do governador José Aparecido para conseguir transformar Brasília em patrimônio histórico e artístico da humanidade. Marlos é presidente do Conselho Internacional de Música da Unesco, que deve aprovar ou não o tombamento da cidade. O maestro morava no Rio de Janeiro, quando foi convidado para assumir a secretaria e um dia depois da posse embarcava para a Europa, deixando a FCDF sob os cuidados de Reynaldo Jardim.

Por mais que a vontade do governador José Aparecido em ver Brasília tombada tenha pesado na escolha do novo diretor da FCDF, um outro fator, bem mais simples, foi determinante na saída de Reynaldo Jardim.

Jardim comandava a Fundação Cultural, antes mesmo da reforma do secretariado, que resultou na permanência de D'Alambert Jaccoud na pasta da cultura. D'Alambert e Reynaldo, durante cerca de seis meses conseguiram manter um relacionamento "cordial", mas é claro que o secretário de cultura precisava de um nome na Fundação Cultural, que estivesse afinado com suas propostas.

A saída de Reynaldo Jardim deixa o caminho aberto para o secretário de cultura tirar da gaveta seu plano de política cultural a ser adotado, tanto pela secretaria, quanto pela FCDF. Um plano, que ainda não se sabe se vai seguir a linha do governador José Aparecido, que ao mesmo tempo que libera uma verba de 5 milhões de cruzados para construção de uma maquete de Brasília, interfere na Secretaria de Cultura para garantir o XX Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

Que o cargo da Fundação Cultural é político, isto não há dúvida, e por isto mesmo a nomeação do novo diretor não agradou a todos. O Sindicato dos Escritores, por exemplo, divulgou uma nota repudiando o "estratagem no ninho e o autoritarismo" usado na indicação do diretor da FCDF. Sötte, presidente interino do

sindicato reclama que "Brasília não é bolo de aniversário", para ser oferecida em troca de favores políticos.

Mas a mudança do diretor na FCDF traz à tona uma questão polêmica: o Estado deve ou não patrocinar uma política cultural?

Vera Pinheiro, que foi secretária de cultura por 16 dias, acha que a política cultural deve existir para que a cultura não fique atrelada à educação. "Por mais que a iniciativa privada atue, a cultura é uma função do Estado", resume.

Esta opinião não é dividida com o antecessor de Marlos Nobre, Reynaldo Jardim. "Cheguei a publicar um manifesto pela não-política cultural. O que quero dizer com isto é que não cabe ao Estado direcionar os caminhos da cultura de um povo".

Luis Humberto, que por sua vez antecedeu Reynaldo Jardim, vai mais adiante: "Uma política cultural implica na lisura dos políticos e isto não existe hoje".

GOVERNO E CULTURA

Restringir a cultura de um povo aos eventos oficiais promovidos pelo governo foi uma prática que ocupou o Teatro Nacional e salas de espetáculos de Brasília em outros tempos. Apesar de a comunidade brasiliense ter conseguido aumentar seu acesso aos órgãos do governo, responsáveis pela cultura, ainda existem resquícios de imposição cultural, principalmente quando os dirigentes destes órgãos limitam as suas ações ao que o governo quer e não ao que o povo pede.

É possível trabalhar no governo, sem estar sempre subordinado ao po-

der?

Luis Humberto, que retomou na sua gestão na FCDF o Concerto Cabeças e a Feira de Música, acha que a confusão começa com a própria definição de cultura, que "não é uma sucessão de eventos, mas um processo". O governo é um bem da sociedade e não um bem particular. Eu, por exemplo não fazia da FCDF um quintal, não perguntava ao governador, mas agia".

Para Reynaldo Jardim "a FCDF é um órgão do governo e se eu quiser contestar qualquer coisa tenho de sair fora dele". Reynaldo, que sai da direção da FCDF, mas continua no GDF, acredita que acabou com a autocracia, a ditadura do que deve ser visto ou não, pela Fundação Cultural e lembra que sempre conseguiu por parte do governo, dentro do limite de verbas, tudo o que quis".

MARLOS NOBRE

Com relação a nomeação do novo diretor da FCDF, que já declarou que não pretende mexer em nada por não conhecer o trabalho da Fundação, as opiniões tendem num sentido: expectativa. Luis Humberto acha que "não tem importância o fato de Marlos não ser da cidade, desde que tenha uma visão universal da ação do Estado".

Vera Pinheiro associa a ligação musical de Marlos com seu trabalho na FCDF: "Final a vocação da cidade é pela música".

Reynaldo Jardim preferiu não comentar, sacudiu os ombros.

GIULIANA MORRONE

Mineirices, GDF e Cultura

A Secretaria de Cultura, criada depois da implantação do Ministério da Cultura e antes das eleições de novembro de 86, que definiram o quadro político partidário no DF, surgiu crispada de críticas. Afinal, como questionou a classe artística na época, pra que mais um órgão do governo responsável pela cultura de Brasília? Esta secretaria é ou não um cargo político a mais para atender aos interesses do Palácio do Buriti? Ela democratiza ou impõe uma política cultural ao brasiliense?

A imposição começou logo com a nomeação de Vera Pinheiro, casada com o deputado Israel Pinheiro Filho, PMDB-MG, para a assessoria especial, encarregada de criar a secretaria. Vera Pinheiro admite que não era a pessoa mais integrada à cultura local. "Como todo cargo político, o fator político é fundamental. O fato de ter trabalhado com Tancredo, ser esposa do Israel e o meu trabalho como professora de artes, tudo isto congregado me levou a secretaria". Vera lembra que o cargo, mesmo sendo político, não tem nada a ver com politicagem.

Mas o professor da UnB, Luis Humberto, que foi diretor da Fundação Cultural entre abril de 85 e fevereiro de 86, vê na criação da secretaria de cultura mais uma manobra do atual governador do DF, José Aparecido: "A Secretaria surgiu num contexto político, pois o governador queria dar um cargo ao PFL".

Na verdade, a pasta da cultura foi ocupada pela esposa de um recém-psemedebista. Israel Pinheiro Filho entrou para o partido e apoiou o can-

didato Newton Cardoso, para o governo de Minas Gerais, adversário do candidato do governador José Aparecido, Itamar Franco. A princípio, a política mineira não tem nada a ver com o DF, muito menos com a cultura de Brasília, mas o favoritismo de Newton Cardoso foi a gota d'água para a saída de Vera. "Esperei as eleições entrarem no meio do caminho, quando Itamar e Newton estavam empatados, para sair da secretaria. Se saísse antes poderia abalar as eleições, se saísse depois, iria constrianger o governador José Aparecido, por ter apoiado o adversário de seu can-

didato nas eleições para governador", relata.

Mas a questão política esbarra no próprio relacionamento entre secretaria de cultura e Fundação Cultural. Por mais que a Fundação não tenha autonomia total para executar suas ações, o aval da secretaria de cultura, nem sempre é considerado. "A Vera foi um rei que não reinou. Nós conseguimos implantar 15 projetos e elaborar outros 23. Mesmo com o bloqueio de suplementação de verba por parte do governador, fizemos um trabalho com total autonomia", lembra Luis Humberto, que teoricamente era

subordinado à secretaria de cultura da época, Vera Pinheiro.

— "O Luis Humberto era como uma canoa querendo ser submarino" rebate Vera.

Até mesmo na gestão do atual secretário de cultura, D'Alambert Jaccoud, a definição dos papéis de cada órgão fica mal resolvida. "O papel da secretaria não é de promover eventos, mas de criar uma infraestrutura para que as manifestações artísticas possam acontecer", lembra Reynaldo Jardim, que deixou de ser diretor da FCDF no mês passado. Com este comentário, Reynaldo aproveita para dar a sua versão dos bastidores do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, que quase não saiu, segundo ele, por causa do veto de D'Alambert Jaccoud. "A secretaria pegou o festival para fazer há seis meses e quando faltavam 10 dias para a abertura, o secretário me disse que não iria haver mais festival".

A discussão foi parar no gabinete do governador José Aparecido. Reynaldo Jardim defendeu o seu lado, D'Alambert Jaccoud fez o mesmo e o governador decidiu pelo festival (leia a versão).

O XX Festival de Brasília do Cinema Brasileiro serve para ilustrar como o GDF vem tratando a cultura em Brasília. A mudança do diretor da FCDF poderia até mudar este quadro, mas quem pode falar sobre isto, no caso o próprio Marcos Nobre, está na Europa e o secretário de cultura, D'Alambert Jaccoud se recusa a dar entrevista.

GIULIANA MORRONE

Criação perde espaço no DF

Quando o Centro de criatividade do Distrito Federal, criado para desenvolver as artes plásticas da cidade, estava em pleno crescimento no ano passado, ele foi fechado. Na época, o Centro contava com 18 oficinas. Segundo Reynaldo Jardim, ex-diretor da Fundação Cultural, que era responsável pelo Centro, o lugar foi desativado por causa das reformas que seriam feitas no prédio onde funcionava. Acontece que desde aquela época não foram feitas as reformas necessárias, e Brasília perdeu um espaço valioso de criatividade.

Muitos planos estavam para ser feitos quando o Centro foi fechado. Alex Chacon, ex-coordenador, lamenta até hoje que isto tenha acontecido, pois o Centro estava caminhando muito bem e partindo para sua autonomia. Quanto ao argumento de Reynaldo Jardim, de que o Centro seria fechado por causa das reformas, Alex Chacon disse que as tais reformas poderiam ser feitas sem as interrupções das atividades. "Estava com-

provado na prática que isto seria possível. O Centro ocupava um grande espaço no prédio da 508 Sul, e poderia ser feita uma manutenção permanente sem interromper completamente o funcionamento do local".

Reynaldo Jardim afirmou que as oficinas que aconteciam no Centro de Criatividade estão no projeto UniverCidade, que atende a mais de 7 mil pessoas. Para Alex Chacon o projeto é válido, mas acha que o Centro não poderia parar. "Qualquer que sejam os argumentos que dão para justificar o fechamento do Centro na época, evidentemente que depois de um ano, tomam outra conotação. Eu não entendo como a Fundação Cultural pode manter fechado um espaço com a qualidade que o Centro vinha mantendo", concluiu Alex Chacon, que pediu demissão por não concordar com a política administrativa da Fundação Cultural, em 86.

TID CARVALHO

PANTANAL

Vida ameaçada pela depredação

O pescador profissional está cada vez mais sendo atingido pela depredação do Pantanal Matogrossense, de onde extrai o seu produto de trabalho e sustento da família. Garimpos, queimadas, agrotóxicos, caça e pesca predatória despejam no rio toda a carga da evolução humana, violentando aqueles poucos que ainda conseguem manter uma relação sadia com o ambiente.

O Pantanal é uma imensa planície de 220 mil Km2 na região oeste dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Drenada pelos rios Paraguai e Cuiabá, a região apresenta duas estações climáticas bem definidas: o verão, de outubro a abril, quando ocorre a inundação e formação de grandes lagos perenes ou "baías"; e o inverno, época em que as águas baixam e deixam ver a grande quantidade de areia trazida de regiões mais altas.

Em Mato Grosso sempre se falou que o rio que corre para o Pantanal segue carregado de peixe, mas parece que se depender da ação governamental, o dito popular tende a transformar-se em lenda, pois enquanto a Sudepe — Superintendência do Desenvolvimento da Pesca — estabeleceu normas para os profissionais, a fiscalização da Polícia Militar não alcança os pescadores amadores com suas barreiras de estrada, como em Porto Manga por exemplo, onde

um grupo de turistas paulistas guardava no gelo "pintados" com menos de 50 centímetros, a cem metros de uma barreira da PM.

De acordo com as portarias da Sudepe, os peixes de maior valor comercial, como o "jaú" e o "pintado", têm de medir pelo menos 90 e 80 centímetros, causando muita reclamação por parte dos profissionais, que afirmam serem os únicos fiscalizados. Também está proibida pela Sudepe a utilização da rede e da tarrafa no pantanal. Mas apesar da cheia dos rios, que permite ao peixe migrar dos alagados à procura de alimentação e condições para reprodução, estas malhas são utilizadas durante a vazante, quando na "lufada" — volta dos peixes ao leito do rio — milhares são arrastados pela rede noturna e escoados de avião. Segundo Vicente Motiari, presidente da Colônia de Pescadores de Corumbá e da Federação de Pescadores do Mato Grosso do Sul, existem nesta região cinco ou seis aeroportos de fazendeiros por onde saem toneladas de pescado diariamente.

Entre os pescadores existe a consciência da necessidade de frear a exploração predatória, permitindo ao Pantanal Mato-grossense recompor-se naturalmente e recuperar toda a vida.

OSWALDO BUARIM JUNIOR E DIZO DAL MORO

OSWALDO BUARIM JUNIOR



Pescador só utiliza remo e anzol, mas depredação acaba com os peixes

Histórias de pescador no vídeo

A Universidade de Brasília, preocupada com a sobrevivência do pescador de rio e do Pantanal Matogrossense, está realizando 2 vídeos em convênio com a Sudepe a fim de retratar o modo de produção da pesca e a pesca e o meio ambiente. A execução do trabalho vem sendo feita através do CPCE (Centro de Produção de Cultura e Educação), órgão da UnB destinado a registrar o Centro-Oeste, que juntamente com consultores da Sudepe gravaram as imagens do primeiro vídeo, que está em fase de edição e preparam a produção do segundo.

Neste primeiro trabalho é retratado o pescador profissional de rio e suas dificuldades para a apreensão do pescado, comercialização, enfim a

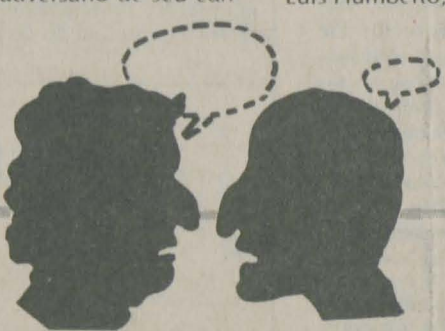
existência dessa milenar profissão. Num segundo trabalho será registrado o pescador e o meio, levantando dados sobre os estoques pesqueiros e a real situação da natureza no Pantanal, que segundo o velho pescador de Barão de Melgaço, Sr. Fuad, nos reserva muitas belas surpresas.

Entrevistado pela equipe do CPCE, Sr. Fuad lembra que há muitos anos, perto do rio Cuiabá, na baía de Samarian, enquanto ia pescar com 20 companheiros viram uma linda joia, recostada por sobre uma pedra. Encantados, mas distantes remaram em direção à imagem, sem, porém, visualizar a cauda para confirmar se era mesmo uma bela sereia, que submergiu, preservando senão os mistérios, as lendas da natureza.

DIZO DAL MORO



Barco de pesquisa da Sudepe, APAPORÉ inativo há 2 anos por falta de licença



A VERSÃO

Este foi o diálogo travado entre o secretário de cultura, D'Alambert Jaccoud e o diretor da FCDF, Reynaldo Jardim, há duas semanas da abertura do XX Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

RJ — O dinheiro está aqui. O cinema nós alugamos, no caso do Karin.

D'AI — Ah! Podemos fazer ou-

três coisas importantes.

RJ — Mas o festival é uma coisa importante, está há vinte anos na cidade, faz parte do hábito cultural daqui.

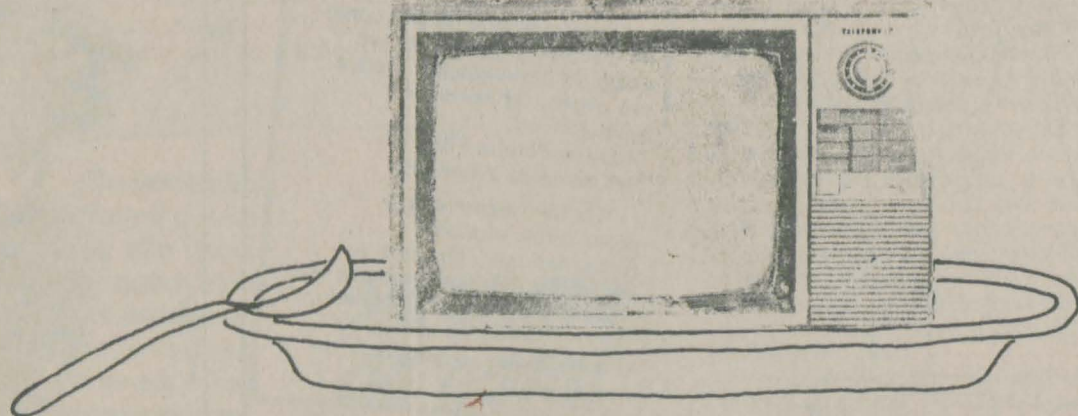
D'AI — Vamos encerrar o assunto, não vai ter festival e não use este dinheiro, que eu vou usar para outras coisas prioritárias.

RJ — Eu vou lutar pelo Festival!

ADIVINHE O QUE TEM PRA SOBREMESA ?

Depois da comida do bandeirão, só mesmo uma apetitosa sobremesa para adoçar o seu ânimo. O núcleo de vídeo da UnB oferece um variado cardápio de filmes, sejam alternativos ou do circuito comercial, para que sua taxa de calorias fique bem equilibrada. É só aparecer no anfiteatro 15 todos os dias às 12 hs e às terças e quintas às 18 hs. Você sem dúvida vai se deliciar.

núcleo de
VIDEO



CRIA/COM

MARCUS VINICIUS



ASFUB

Pela primeira vez nos jogos

Um time jovem e competitivo e com fôlego suficiente para jogar noventa minutos sob o sol do meio-dia. Assim é a equipe de futebol de campo da ASFUB (Associação dos Servidores da Universidade de Brasília) que pela primeira vez participou dos JIUnB's e teve um merecido destaque.

Criada em 1983, no mesmo ano que a entidade, o time de futebol que vem disputando os jogos e formada por vinte atletas de vários departamentos que foram selecionados por suas atuações no último campeonato interno da associação. "Foi uma surpresa, para nós, quando a própria AAAUnB nos convidou para tomar parte", diz Aldemir Batista Góes, funcionário do departamento de Ur-

banismo e técnico da equipe. E é com muita confiança que ele fala da ASFUB: "Este é um time jovem, com média de idade de 22 ou 23 anos, do qual não destaco este ou aquele jogador mais sim o conjunto". Confiança excessiva? Talvez não. Apenas um trabalho que é levado a sério e que inclui desde treinos todas as terças e quintas no C.O. até o uso e lavagem do material esportivo. "Nos temos ideia de sustentar a equipe independente de conseguirmos patrocínio ou não. Estamos levando aos trancos e barrancos mas vamos tentar mantê-la tanto para campeonatos internos como para competições fora da UnB", completa Aldemir que com José Maria e Eladir, além do Diretor de esportes da ASFUB, o Léo, compõem uma comissão técnica coesa e eficiente.

KARATÊ

Dois mestres na hora da verdade

André Luis Fernandes Borges, 23 anos, aluno do Departamento de Química e Wellington Barbosa Sampaio, 21 anos, da Educação Física. Dois mestres do karatê: dois estilos diferentes, oriundos da mesma região de Okinawa, sul do Japão. O primeiro foi medalha de bronze nas competições de kata dos Jogos Internos; ambos foram finalistas no Jiu-kumite (luta), categoria verde a preta, vencida pelo segundo. Dois faixas-pretas, duas figuras respeitadas dentro do esporte (sobretudo da Universidade), duas "cabeças" diferentes.

Incentivado pelo irmão Oliverio, na época faixa marrom, hoje conceituado mestre do estilo Goju-Ryu, em

Brasília, André entrou no karatê com oito anos. Aos quinze começou a dar aulas nos SESC's de Taguatinga e da 504 Sul, como faixa verde. Em 82, quando ingressou na UnB, voltou a dar aulas, já como faixa preta, onde está até hoje. Sua turma de alunos (aproximadamente 40) conquistou recentemente o vice-campeonato brasileiro universitário por equipe, e foram quase absolutos nas competições dos JIUnB's, ganhando 15 das 18 medalhas. Wellington treina há nove anos, a partir de um vizinho amigo que já era karateca. É também professor na UnB, do UECHE-RYU, estilo pouco difundido no Brasil. "Só agora começamos a nos levantar com a criação de nossa associação; em 86 classificamos nossa equipe em segundo lugar no sul-americano da Argentina".

Sobre os JIUnB's as opiniões divergem. Para André, a organização não foi das melhores, faltando uma melhor assistência médica e equipamentos adequados, como luvas de proteção, por exemplo. "Além disso, houve um árbitro convidado na última hora para julgar Kata, que a meu ver, não foi muito honesto em suas pontuações", contesta. Para Wellington, no entanto tudo correu bem. "Os juizes da Federação eram competentes e o nível técnico, tanto masculino como feminino foi muito bom. Poderia ter sido ainda melhor se houvesse mais participantes", afirma. Ambos concordam que a diversidade de estilos e regras atrapalham o karatê co-

MARCUS VINICIUS



Wellington

JIUnB's

PAULO PANIAGO



E os JIUnB's estão acabando... Aos vencedores as medalhas. Quem não ganhou, valeu pelas boas recordações e pela participação. Perdeu quem não entrou nesta festa que agitou o C.O. durante todo o mês de outubro e o princípio de novembro. Enquanto os jogos rolaram, surgiram os primeiros destaques e heróis. Conheça aqui alguns deles.

REPORTAGEM, REDAÇÃO E EDIÇÃO:
MARCUS VINICIUS E MARCOS PINHEIRO.
COLABORAÇÃO: MARCELO ALMEIDA (NO ATLETISMO)

ATLETISMO

Olavo: o valor da força de vontade

A estória de um sujeito gordo que resolveu emagrecer, e de tanto perder peso, decidiu tornar-se um atleta, a ponto de competir e conquistar medalhas. Parece um roteiro de filme de ficção, mas é um caso verídico. Foi assim que Olavo Leopoldino da Silva Filho, 23 anos, aluno de pós-graduação do Departamento de Física, viveu estes últimos dois anos. Das brincadeiras dos amigos devido ao excesso de peso (pesava 115 quilos), hoje é um atleta respeitado dentro da Universidade de Brasília, vencedor dos 1500 metros rasos e medalha de bronze nos 800 metros nas competições de atletismo dos IV Jogos Internos. Quem o conhece sabe de sua dedicação e força de vontade.

Olavo durante este tempo perdeu 40 quilos, graças ao regime alimentar e exercícios constantes. Todo este processo aconteceu paralelo à prática de esportes. "Sempre gostei muito

de esportes, sobretudo atletismo, mas com meu peso nem dava para pensar em competir. Lembro que quando fiz Prática Desportiva I, anos atrás, corri apenas 2 Km no teste de Cooper e cheguei em estado deplorável", explica sorrindo. Foi somente em janeiro de 1987, no entanto, que resolveu se dedicar, ao entrar num grupo de atletismo. Passou de um período básico de treinamento, que consistia em corrida três vezes por semana e muita musculação, para outro mais específico, de um corredor meio-fundista. "Através da análise do meu biotipo, verifiquei que poderia competir em provas de 800, 1500, 3000 e, no máximo, 5000 metros", afirma. Atualmente treina duas vezes por dia: pela manhã faz o treinamento de pista, correndo de 3 a 4 Km, à tarde o de longa distância, quando percorre de 10 a 15 Km. Além do atletismo, pratica também a natação "como complementação de meu treinamen-

to", esclarece. Vê-lo no Centro Olímpico ou correndo pela Universidade é comum.

Sobre sua performance nos JIUnB's, ele fala de sua satisfação, mas que esperava os resultados. "Só me resenti da falta de um outro corredor que puxasse o ritmo nos 1500 metros". Para ele o nível das competições de atletismo foi muito bom, quando quase todos os recordes foram quebrados, em relação aos Jogos do ano passado; seu tempo nos 1500 metros é exemplo disto. Quanto ao futuro, Olavo pretende continuar se dedicando aos treinamentos, visando melhorar sempre mais, porém está consciente das dificuldades. "São raros os atletas de Brasília que têm patrocínio; quase todos precisam ir para Rio ou São Paulo. Pretendo competir fora daqui, mas, apesar de gostar muito, não chegaria ao ponto de morar em outro lugar; prefiro ficar por aqui", conclui.

MARCUS VINICIUS



Olavo mantendo a forma

MUSCULAÇÃO

A volta dos "malhadores"

ISABELLA VILLAS-BOAS

O culto ao corpo voltou à moda. A prova disso é a infinidade de academias espalhadas pela cidade. Porém, especialistas garantem que a ginástica ainda é mais solicitada do que a musculação. Childerico Carvalho, dono e professor da Academia Ginarte, diz que a rotatividade na primeira é muito menor do que, na segunda, pois a série de exercícios em aparelhos gera uma certa monotonia.

Os motivos que levam uma pessoa a fazer musculação são inúmeros: desejo de perda de peso; enrijecimento de músculos; hipertrofia muscular, principalmente na adolescência, quando a necessidade de se exibir é maior. Mas, todos os trabalhos só devem ser feitos quando se tem uma orientação adequada, que geralmente é dada pelos instrutores das academias. Porém, é aconselhável se fazer musculação juntamente com uma outra atividade para que ela surta o melhor efeito. "A musculação deve ser encarada como uma atividade-meio, complementar, e não como uma atividade-fim", diz o especialista.

Os meios de comunicação são os maiores responsáveis pela procura da musculação devido à vasta publicidade em torno do assunto. Essa é uma preocupação que os profissionais tem, pois as pessoas começam a praticar a atividade levadas pela propaganda, sem as devidas orientações. Por exemplo, a musculação não é indicada para crianças na faixa dos quatorze, quinze anos, porque, nessa idade, os músculos estão em formação.

Childerico aborda também um ponto importante e gerador de polêmica: o uso dos anabolizantes (remédios que desenvolvem os músculos).

O consumo dessas drogas começou nos Estados Unidos e, hoje, o produto já é muito usado no Brasil, principalmente pelos fisiculturistas, que visam a hipertrofia muscular para competir nessa modalidade. As pessoas não podem imaginar o mal que



Força de vontade, orientação especializada e alimentação: dicas para "malhadores"

fazem esses remédios: retêm o nitrogênio nos músculos e causam uma hipertrofia excessiva que dá uma sensação de força momentânea, além de afetarem os hormônios, alterando o metabolismo de todos os órgãos, o que pode causar desde uma simples disfunção hormonal até um câncer de fígado", conclui o professor.

Quanto à alimentação, é difícil encontrar um "malhador" que leve isso a sério. "Geralmente, as pessoas não resistem a uma boa carne e um cho-

pinho", diz Roberto Bonfá, "malhador" há dez anos. "Os profissionais até receitam uma dieta rica em proteínas e hidratos de carbono aos mais fracos e uma com baixa quantidade de açúcares aos gordos, mas só mantêm uma alimentação balanceada quem tem muita força de vontade", completa Roberto.

LARISSA CHAGAS

QUE AZAR !



Você achou uma vaga.

Encontrar vazio o lugar onde deveria estar seu carro é mesmo muita falta de sorte. E a esta situação estão expostos todos que se utilizam de grandes estacionamentos. Aqui na UnB não é diferente. Por isso, previna-se:

- Não estacione em local isolado;
- Certifique-se de que seu carro está bem trancado;
- Não deixe pacotes ou objetos de valor à vista;
- Utilize alarmes, trancos, ou outros dispositivos que possam dificultar o roubo;
- Em caso de furto procure o vigilante mais próximo e registre a ocorrência.

prefeitura
do Campus

CRIA/COM

MARCELO RUBENS PAIVA

Alienado é o poder, não o jovem



escritor, paulista, 28 anos, Marcelo Rubens Paiva esteve em Brasília para o 21º Encontro Nacional de Escritores. Preocupado com a crítica que se faz hoje aos jovens, vistos como pessoas que lêem pouco, Marcelo diz que, no Brasil, até criança tem que pensar primeiro em sobreviver. O massacre é muito grande, a vida no País é muito corrida e estafante. Como sobra tempo para a leitura? Pior, diz Marcelo, é o poder, o grande alienado.

Campus — Como pintou o lance de escrever? Era uma coisa que já existia dentro de você ou foi o seu acidente o grande motivador?

Marcelo — O acidente foi realmente o grande motivador, mas a vontade de escrever já existia dentro de mim. Antes mesmo de sofrer o acidente, eu já escrevia poesias, letras de músicas e outros. Eu sempre me liguei muito em criar fatos, criar realidades. O acidente veio acentuar toda a minha necessidade de escrever, de colocar para fora um sentimento que eu já tinha. Mesmo antes do *Feliz Ano Velho*, mas já acidentado, eu escrevi alguns contos, pois essa era uma maneira de passar o tempo, viajar, reconstruir a minha cabeça. E, por fim, eu posso dizer que o acidente me motivou a escrever o *Feliz Ano Velho*, que foi uma atividade de que exigiu tempo, dedicação integral, num momento em que fui forçado a ocupar o meu espaço de alguma forma, devido às minhas condições físicas. Porém, esse foi um processo muito difícil, pois eu tinha apenas 22 anos e toda uma garra para viver como um jovem normal.

Campus — *Feliz Ano Velho* foi um livro de grande sucesso que chegou até ao teatro. E quanto a *Blecaute*? Foi tão importante para você quanto o primeiro?

Marcelo — *Blecaute* foi mais importante para mim do que o *Feliz Ano Velho*. Motivação para escrever eu sempre tive, pois mesmo tendo me formado pela USP em Rádio e Televisão e trabalhado na área, eu sempre chegava em casa, ligava a máquina de escrever e ficava imaginando outros contos e histórias. *Blecaute* é um livro que conta um sorriso de criança. Nele, eu mostro o meu desejo de que um dia as coisas parassem e eu fosse o único sobrevivente circulando pela cidade. Aí, eu associar o útil ao agradável: já que gostava tanto de escrever e tinha essa ideia há tanto tempo, por que não escrever um segundo livro? E quando eu falo que ele foi mais gratificante, eu parto do princípio de que escrever *Feliz Ano Velho* eu utilizei fatos que haviam acontecido e foi simplesmente trabalhar a memória e colocar poeticamente no papel. Já no *Blecaute* eu precisei criar realidades, situações, personagens, ousar e aprofundar mais. Falar de nós mesmos tem certas dificuldades, mas falar de uma pessoa que nunca existiu é muito mais complicado, pois você precisa dar verossimilhança, lógica a ela. É um trabalho mais difícil, quando sai, é muito mais compensador.

Campus — Conta pra gente como é o processo para se escrever um livro.

Marcelo — Bom, o processo para escrever varia de livro para livro, de pessoa para pessoa. Eu, antes, adotava um processo de convulsão, chegava em frente à máquina e ia jogando as ideias de uma só vez. Por exemplo, o *Blecaute* eu comeci a escrever sem saber o final: eu bolei a história, tracei um perfil psicológico das personagens, depois senti que era superficial e acabei tendo, praticamente, que recomenciar, alterando-se e criando um fim compatível com o que eu tinha reescrito. Já, agora, qualquer coisa que escrever, vou mudar de método: pesquisar, ler coisas sobre o assunto; fazer o que os escritores chamam de esquema, os dramaturgos de enredo e os cineastas de sinopse. E quanto ao método de trabalho, não existe outro que não seja ficar oito horas por dia em frente à máquina de escrever, o que não sig-

nifica que você fique datilografando o tempo todo, aliás, gasto mais tempo pensando na história. Com relação ao público, acho importante deixar de lado, a princípio, o aspecto da conquista, pois na realidade, é ele quem te cativa, que te lê, que descobre a sua obra e gosta ou não. Então, não dá para começar a escrever pensando já no público, até porque não dá para começar a escrever pensando já no público, até porque não se sabe quem vai ler seu livro. Se você se prende a isso, corre o risco de não estar sendo você e superficializar a sua obra.

Campus — Você realmente escreve porque gosta ou porque a partir do sucesso de *Feliz Ano Velho* essa atividade começou a ser lucrativa?

Marcelo — Eu escrevo porque gosto e posso até dizer que a atividade de um escritor não é tão lucrativa quanto se imagina. Você passa um ano, um ano e meio se arriscando, escrevendo algo que pode ser um recorde de venda ou um tremendo fracasso. Eu mesmo poderia estar ganhando muito mais dinheiro trabalhando em Publicidade ou em televisão.

Campus — Agora, partindo para o aspecto cultural do jovem brasileiro, você acha que ele lê pouco?

Marcelo — Acho, não só o jovem, o brasileiro em geral.

Campus — É por que isso, Marcelo, já que a literatura brasileira é tão rica? Será falta de tempo, de estímulo?

Marcelo — O problema econômico é o principal. O brasileiro precisa começar a trabalhar muito cedo. O País não oferece condições nem para que as crianças possam ser alfabetizadas, quanto mais para que se incentive a leitura. A vida no Brasil é estafante, corrida, onde o principal objetivo é a luta pela sobrevivência. Como é que sobra tempo para se pensar em leitura?

Campus — Como você vê a literatura brasileira? Quem são os melhores na sua opinião e por que?

Marcelo — Eu acho ótima, num processo crescente, com muita coisa boa e nova surgindo por aí. Gosto muito de Graciliano Ramos, Machado de Assis, Rubens Fonseca, Ivan Angelo, J.J. Veiga, Domingos Pellegrini e outros tantos. Agora, o porquê da minha preferência por eu gostar de Coca-Cola e não de Pepsi-Cola.

Campus — Marcelo, na sua opinião, o que fazer para que o jovem se interesse mais pelo hábito de ler?

Marcelo — Procurar fazer uma melhor distribuição de renda, mais igualitária, para que o jovem passe a ter o seu sustento e lhe sobre tempo para estudar, ou melhor, para desenvolver o interesse pela arte, pela cul-

tura. Por enquanto, neste País, até criança precisa se preocupar com o que vai ter para comer no dia seguinte. Só para fazer uma pequena comparação em termos de subdesenvolvimento no Brasil, em Cuba, o jovem, até os 17 anos, tem garantida sua condição para estudar. Ele tem como sobreviver e lhe sobra tempo para ler.

Campus — O mercado literário brasileiro oferece espaço para o escritor iniciante?

Marcelo — Não. Inicialmente, porque os editores têm muito medo de arriscar num escritor iniciante e, depois, porque o Brasil tem uma defasagem cultural muito grande com a Europa e os E.U.A. que precisa ser suprida. Então, a preferência vai ser: livros de autores consagrados ou aqueles que já foram publicados há 20, 50 anos no exterior. Até o Brasil conseguir se igualar culturalmente, isto é, até a gente publicar diariamente o que sai lá fora também no dia-a-dia, vão existir aqui obras republicadas ou de autores muito bons.

Campus — Você encara o jovem como um alienado da vida econômica, social e política do país?

Marcelo — De maneira nenhuma. Eu acho que não é o jovem que está alienado e sim, o poder que é muito centralizado, distante da realidade que acontece nas ruas. Mas isso não significa que o jovem seja alheado, mas que existe um poder ditatorial, ainda, cheio de vícios. O brasileiro não vai se interessar por aquilo que ele não pediu, não quis. Por que o jovem sabe pouco sobre a Constituição? Porque foi um decreto de Tancredo, com o qual o povo não concordou. O que as pessoas queriam eram as diretas, já que não houve, elas fazem questão de não se interessar por algo que não tem nada a ver com o momento deles.

LARISSA CHAGAS

O *Ultraje a Rigor* esteve em Brasília na turnê que está fazendo por todo o Brasil. Apesar de estarem cansados (viajaram oito horas de ônibus pela madrugada) não perderam a boa vontade e o bom-humor para um papo sobre Rock'n'Roll. O vocalista e guitarrista Roger não dormiu na viagem e estava "fora de combate". Mas o papo foi ótimo e mostra para aqueles que pensam que o *Ultraje* é a "banda do Roger", que eles são um grupo muito equilibrado e coeso.

Campus: O *Ultraje* emergiu na primeira onda da explosão do Rock brasileiro, mas tinha uma característica muito peculiar: assumidamente era a única que assumia gostar de Beatles e Stones e não se importava com a moda Punk-New Wave-Pós-Punk.

Leospa: O *Ultraje* tem como características básicas Beatles, Stones, Chuck Berry, esse tipo de som. Mas é um som bem característico nosso. É difícil você comparar e achar alguma música do *Ultraje* parecida com alguma banda inglesa tipo Gênesis, Police ou esse tipo de coisa. É difícil classificar o *Ultraje* como este tipo de banda. Então elas que se danem. Aliás, o cenário inglês de Rock hoje está horrível, péssimo!

Maurício: Nós estamos ouvindo "The Who".

Sérgio: O cenário inglês dos anos 70 era mais legal e muito mais criativo.

Maurício: Eu continuo ouvindo o cenário americano de Heavy-Metal. Já faz anos que eu prefiro isto. É música clássica também. Eu ouço de tudo para poder criticar.

Campus: Para onde vocês imaginam agora que irá o som do *Ultraje*?

Leospa: Vai continuar igual.

Sérgio: Raízes... Batatas, cenouras, tubérculos (risos).

Leospa: O estilo não mudou do primeiro para o segundo LP. Aí tem gente que pergunta: Não mudou? Não evoluiu? Mas a gente já chegou lá com o som que a gente queria ter!

Maurício: Existe uma evolução técnica, evolução do equipamento e a gente aprendeu a cantar melhor.

Leospa: Houve uma evolução técnica. Nós nos aprimoramos em gravação, estúdio e estamos mais maduros neste sentido. Mas o estilo é o mesmo. Aproveitando a deixa: O nosso equipamento ainda está preso. Ele estava preso com o Lobão, que já saiu. Mas o equipamento continua preso (risos). E ele nem pode responder por si só (mais risos)!

Maurício: É que nem os Rolling Stones. Tem uma evolução, mas é a mesma boa coisa de sempre. Isso é importante: Não perder o estilo!

Campus: O som do *Ultraje* mudou

com a entrada do Sérgio?

Maurício: Mudou bastante. O estilo do Carlinhos era mais Heavy-Metal. Inclusive ele foi fazer isso nos Estados Unidos. O Sérgio tem um estilo mais variado. Ele toca Rockabilly... ele é meio fusão de tudo. Ele é versátil. Toca MPB, baião, Samba, Funk, Jazz, etc.

Sérgio: É o resultado de ter tocado com várias pessoas.

Maurício: É um barato também a presença de palco dele. O Carlinhos era mais sério. O Serginho bota pra fora todo o delírio, o orgasmo dele (risos).

Campus: Aqui em Brasília tem havido problemas por causa de violência nos shows, brigas, etc. Como têm se comportado as platéias que vocês encontraram pelo Brasil?

Leospa: De uma maneira geral boa. Quando tem um aglomerado de gente o pessoal bebe um pouco, sempre há um pouco de atrito. Na última vez que tocamos em Brasília atiraram desodorante, vidro, etc. Mas é normal. Estamos acostumados. A violência não tem sido muito grande.

Maurício: O nosso show também não dá tempo para isto. É uma música atrás da outra. O pessoal não para de dançar.

Sérgio: Só os imbecis resolvem brigar.

Leospa: A faixa etária do nosso público é em média 15 anos. Este pessoal é mais tranquilo; vai ao show para brincar.

Campus: O show que vocês apresentam no interior é o mesmo do Rio e São Paulo?

Maurício: É o mesmo show em qualquer lugar. É trabalhoso. Nós levamos todo o equipamento. Atualmente estamos ganhando metade do que ganhávamos no primeiro plano cruzado, porque o equipamento é maior e o preço do ingresso não pode aumentar muito.

Leospa: Nossa equipe tem 35 pessoas. Não dá pra levar de avião. São duas carretas para o material e dois ônibus: Um para a equipe e outro para o *Ultraje a Rigor*. São quase 40 pessoas, muita luz, som, o telão, etc.

Campus: Quais foram os instru-

"Gosto de Graciliano Ramos como prefiro Coca-Cola à Pepsi. Preferência é assim. Não se explica".

CESAR MENDES

ULTRAJE a rigor

mentistas que influenciaram vocês?

Leospa: Keith Moon, John Boham e principalmente Beatles.

Maurício: Deep Purple, Jimmy Hendrix e Black Sabbath. Eles me influenciaram o estilo. Com o passar dos anos você aprende técnicas novas, como a do Stanley Clarke e do Billy Sheehan.

Sérgio: Moreira da Silva... (risos). Jeff Beck e Rolling Stones.

Campus: Vocês se importam com o fato de que uma parte da crítica diz que vocês formam a linha brega do Rock brasileiro?

Leospa: Não sabia desta estória de linha brega.

Maurício: Cada povo tem a polícia que merece, o conjunto; o governo que merece... a linha que a gente segue no *Ultraje* é justamente ultrajar. Mas tem a parte a rigor, que é chique. A gente é brega e chique.

Campus: E o próximo LP? Já tem alguma ideia? Músicas novas?

Leospa: A gente vai fazer um LP Branco — duplo branco. Põe no toca disco e não sai nada (risos). Não dá tempo. Do primeiro LP para o segundo não deu tempo. A gente teve que parar um ano para fazer o disco. É bom porque evita cansar o público. Em fevereiro próximo nós vamos parar e começar a pensar no próximo disco.

Leospa: Foi bom você tocar nesse assunto de equipamento. Eu queria registrar aqui que o nosso equipamento continua preso desde o dia dez de maio de 1987. Eu quero deixar bem claro aqui: Nós somos fiéis depositários. Houve um mal entendido. Nós temos as notas fiscais e todo esse tipo de coisa, mas até agora a receita federal não fez por bem liberar o nosso equipamento.

Maurício: É o pior é saber que fica chegando maconha na praia, entrando cocaína pelas fronteiras e gente ganhando uma nota em cima disso. Nosso equipamento não ia ser vendido para ninguém.

Leospa: É ferramenta de trabalho. Nós temos nota fiscal. O processo fica rolando na burocracia e demora. É injusto.

Sérgio: Nós estamos trabalhando. É uma coisa honesta.

Maurício: Sarney! Eu não sou ladrão!

MILITÃO RICARDO



Leospa, Maurício, Sérgio e o empresário, Roger estão atrás da placa.